

BLIMUNDA NOS 5 ANOS DO ADEUS A JOSÉ SARAMAGO



INÉDITO: NOTAS PARA ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ
CARLOS REIS/FERNANDO BERLÍN/A PALAVRA AOS TRADUTORES
Festival Literário da Gardunha/Brincar a sério

POR ENQUANTO SAIO, AINDA TENHO UNS OITO MESES PARA CIRCULAR À VONTADE, EXPLICOU FERNANDO PESSOA, OITO MESES PORQUÊ, PERGUNTOU RICARDO REIS, E FERNANDO PESSOA ESCLARECEU A INFORMAÇÃO, CONTAS CERTAS, NO GERAL E EM MÉDIA, SÃO NOVE MESES, TANTOS QUANTOS OS QUE ANDAMOS NA BARRIGA DAS NOSSAS MÃES, ACHO QUE É POR UMA QUESTÃO DE EQUILÍBRIO, ANTES DE NASCERMOS AINDA NÃO NOS PODEM VER MAS TODOS OS DIAS PENSAM EM NÓS, DEPOIS DE MORRERMOS DEIXAM DE PODER VER-NOS E TODOS OS DIAS NOS VÃO ESQUECENDO UM POUCO, SALVO CASOS EXCEPCIONAIS NOVE MESES É QUANTO BASTA PARA O TOTAL OLVIDO.

JOSÉ SARAMAGO, IN *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*

04

**Uma mão cheia
de saudades**
Editorial

06

**Leituras
do mês**
Sara Figueiredo Costa
Ricardo Viel

11

Estante
Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

15

**Contar os anos
pelos dedos e
encontrar uma
mão cheia**

17

**A Infinita viagem
ao lado de José
Saramago**
Ricardo Viel

22

**Os construtores
da Literatura
Universal**
Ricardo Viel

34

**«Pilar, tens um
trabalho»**
Entrevista a Pilar del Río

39

**O escritor como
mestre: na morte
de José Saramago**
Carlos Reis

43

**Escutem, José
Saramago
continua a falar**
Harrie Lemmens

51

**Chorando
Saramago, sem
chorar**
Fernando Berlin

55

**Ensaio sobre
a Lucidez:
as notas do autor**

70

**Imaginando uma
serra e a gente
que a habita**
Sara Figueiredo Costa

89

**Brincar
a sério**
Andreia Brites

102

Dicionário
Ana Pessoa
Leonor Riscado

103

Espelho Meu
Andreia Brites

106

**Notas
de Rodapé**
Andreia Brites

110

Agenda

Uma mão cheia de saudades

Aquando da publicação dos *Cadernos de Lanzarote* José Saramago pediu que na contra capa de todos os volumes estivesse a frase: «Contar os dias pelos dedos e encontrar a mão cheia». Falava de uma vida repleta, como se lia nesses diários escritos na ilha que escolheu como casa, e como se veria no documentário *José e Pilar*.

Passados cinco anos sobre a sua morte, a Fundação José Saramago parte dessa frase para, com uma pequena adaptação, usá-la como mote para estes dias: «Contar os anos pelos dedos e encontrar a mão cheia».

Porque nestes cinco anos foram muitas as atividades realizadas em Portugal e pelo mundo fora a partir das palavras e das ideias que José Saramago nos deixou, a começar pela publicação de dois romances inéditos, *Claraboia* e

Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas, além de conferências e livros que recuperam palavras ditas por ou sobre o autor de *Todos os Nomes*. Também surgiram dezenas de obras de teatro e de cinema, músicas, ensaios e trabalhos académicos, sem contar as muitas homenagens que se fizeram ao Prémio Nobel de Literatura, e as incontáveis iniciativas espontâneas que acontecem em escolas, universidades, bibliotecas dos quatro cantos do mundo. José Saramago continua a falar com os seus leitores. No final deste mês dezenas de pensadores de várias partes do globo reunir-se-ão no México para debater uma ideia de José Saramago e redigir uma Declaração Universal dos Deveres Humanos a ser entregue às Nações Unidas. Em Portugal prepara-se mais uma adaptação teatral de uma obra de José Saramago. Na Itália, as palavras do escritor serão

novamente transformadas em ópera. E no Brasil já foram dados os primeiros passos para que se faça uma exposição sobre a obra do Nobel português no Museu da Língua Portuguesa.

São apenas algumas das iniciativas que serão levadas a cabo em breve. A voz de José Saramago continua a ser escutada.

Alguns meses antes de morrer, o escritor disse numa entrevista: «A morte é uma coisa lixada [...] não só porque nos retira da vida, ou nos empurra brutalmente para fora da vida, que é o mais correto, mas também porque tem muitíssimas vezes outra consequência: uma outra espécie de morte que se chama esquecimento.» Se a primeira morte é inevitável, a segunda, o esquecimento, é possível de enfrentar. José Saramago deu-nos a receita quando disse que a única defesa contra a morte é o amor.

Blimunda 37

junho 2015

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners

FOTOGRAFIAS

João Francisco Vilhena (capa)

Céu Guarda

Marta Morgado



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794



ONDE ESTAMOS

WHERE TO FIND US

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

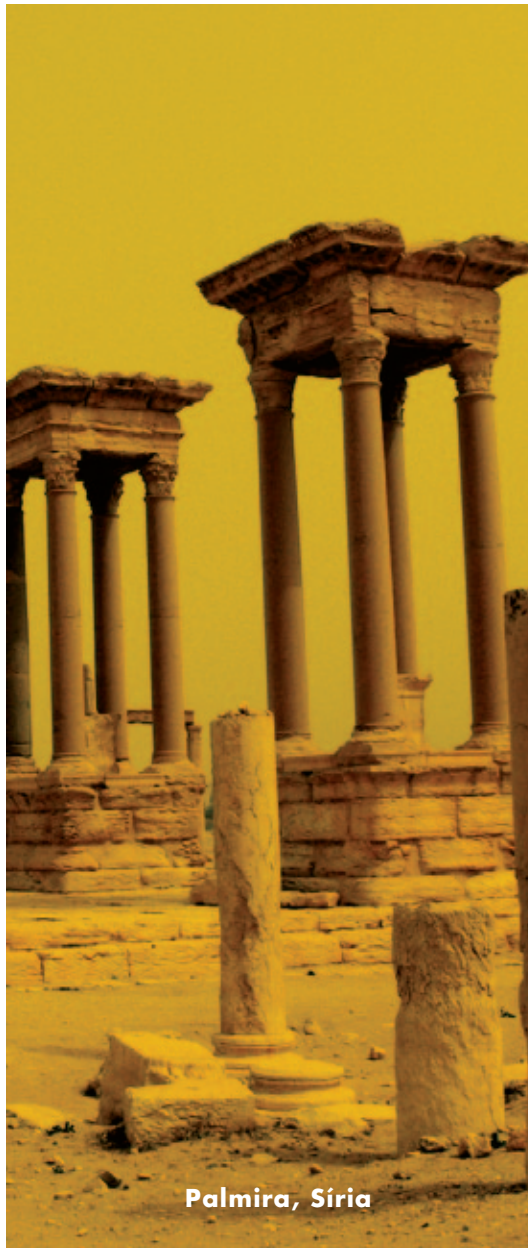
info.pt@josesaramago.org

FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ
SARAMAGO
FOUNDATION
CASA DOS
BICOS

Graneña

Estado Islâmico Escavar pela liberdade

Nos territórios onde se trava a luta contra o avanço do autoproclamado «Estado Islâmico», nas zonas da Síria e no Iraque que correspondem aos primórdios da civilização como hoje a conhecemos, nem só as balas e os assassinatos bárbaros marcam o compasso dos dias. Perto de uma das linhas da frente, um grupo de arqueólogos procura descobrir, inventariar e, talvez, salvar os vestígios desse começo de onde vimos. No *Público* de 31 de Maio, Alexandra Lucas Coelho assina uma reportagem sobre essa outra luta, a de quem tenta resgatar a memória de entre os escombros anunciados pelos novos bárbaros: «Porque à ficção do “Califado”, mais que imperialista, apocalíptica, não basta arrasar para a frente, “conquistar Roma, ser dono do mundo”, como proclama o “califa” Abu Bakr al-Baghdadi. É preciso arrasar para trás, destruir a história que vai do século XXI



Palmyra, Síria

ao primeiro islão e a história anterior a ele até não haver história, apagar rostos, figuras, símbolos, templos, e portanto o começo da escrita, da troca de bens, das cidades.»

Acompanhando os trabalhos da equipa de arqueólogos que escava numa área junto à cidade de Sulaymanyah, a jornalista do *Público* visita também uma das linhas da frente de combate, onde os peshmergas, combatentes curdos, tentam manter à distância o «Estado Islâmico»: «E nisto vão todas as tensões desta amálgama militar: curdos sunitas, árabes sunitas desmotivados, xiitas apoiados pelo Irão e força aérea de Obama e aliados. Um caldeirão de ex-inimigos que agora têm um fim em comum, derrubar o “Estado Islâmico”, quando há dois anos, em alguns casos, estavam a erguê-lo, ao armarem rebeldes sírios jihadistas contra Assad. Há dois anos, nada era pior do que Assad, e hoje nada é pior do que o “Estado Islâmico”, esse Frankenstein gerado pela guerra civil dos dois lados de uma fronteira que já não existe,

a que dividia Síria e Iraque. Se na Síria a guerra era contra Assad, e no Iraque entre sunitas e xiitas, hoje há um “estado” maior do que a Grã-Bretanha a meio dos dois países, com uma capital em cada lado (na Síria, Raqqa, no Iraque, Mossul), e à volta está tudo partido. No balanço das intervenções e contra-intervenções estrangeiras desde 2003, dos Estados Unidos à Rússia, da Arábia Saudita ao Irão, é difícil imaginar pior.»



Poesia Selvagem

O jornal galego *Diario de Ferrol* entrevista o escritor Manuel Rivas a propósito do seu mais recente livro de poesia, *Poemas de 21 gramas na báscula de Ohio*. Com uma carreira literária longa onde sempre marcaram presença as tomadas de posição sobre temas da sociedade e da cultura galegas, Manuel Rivas fala sobre a Semana da Poesia Salvaxe, uma organização comunitária que envolve poetas, associações culturais e vários

outros agentes sediados no Ferrol, destacando o seu papel essencial na dinamização e no reconhecimento da cultura da Galiza:

«Iniciativas como a Semana da Poesía Salvaxe son as que manteñen o ecosistema literario. Son a primeira natureza da literatura e a que derrota a esas voces parvas que din que a literatura, e xa non digamos a galega, e en xeral a cultura, existen por estares subvencionada. Este e outros véxoos como espazos de resistencia e re-existencia, lugares de liberdade. Hai un termo mariñeiro axeitado, o almeiro, os lugares onde se xunta a vida, a cardume, a vida. O almeiro ademais remite a alma. Por contra está a “marca do medo”, un lugar sen peixes, esquilado... A semana de Poesía Salvaxe e outras iniciativas así son un almeiro. Se non existisen o demais sería un gran museo de fósiles. Sendo académico, e aínda que en modo algún é contraditorio e operan en diferentes dimensións, para a vida das palabras é

máis importante que existan iniciativas do tipo da Semana da Poesía Salvaxe que exista unha Academia. Estou a falar dunha iniciativa “excéntrica”, fóra do centro do poder, da palabra oficial, do discurso, da base da literatura. Estou a falar de cando hai un incendio o primeiro en agromar son esas plantas silvestres que brotan a partir do polen ou da semente que transportan os paxaros. Necesitamos iso.»



Novo blog Pensar as artes performativas

Um novo espaço dedicado às artes cénicas surgiu recentemente na blogosfera. *Sinais em Linha* apresenta-se como uma plataforma de crítica e reflexão sobre artes performativas. O projeto nasce pela mão da APCT – Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e pelo CET – Centro de Estudos de Teatro da Faculdade

de Letras de Lisboa. O primeiro texto em linha é dedicado ao espetáculo *Poemas Para Bocas Pequenas*, de Margarida Mestre e António-Pedro, levado à cena no Maria Matos Teatro Municipal, no passado dia 23 de maio de 2015. Como se explica na apresentação de *Sinais em Linha*, os textos serão sempre assinados por críticos de teatro e/ou dança associados da APCT, investigadores do CET e/ou participantes nos Seminários para Novos Críticos que a APCT vem promovendo desde 2010. Rui Pina Coelho, o crítico que assistiu ao espetáculo na companhia dos filhos pequenos, diz o seguinte: «Pleno de humor e inteligência, *Poemas para Bocas Pequenas* habita precisamente o lugar declarado por Margarida Mestre na folha de sala: “um local onde se cruza a beleza das coisas com a linguagem que as diz”. Nós, cá em casa, ainda andamos a falar deste espetáculo.»



Poemas Para Bocas Pequenas

Alex Katz

O valor do tempo

A propósito de uma exposição do pintor norte-americano Alex Katz em Nova Iorque, Antonio Muñoz Molina dedica uma das suas últimas crónicas do «Babelia» (*El País*) à reflexão sobre a idade e sobre aquilo que o peso dos anos que passaram pode trazer à obra de um artista. Diz o autor: «En estos viejos tremendos hay una celebración incondicional del mundo, no la amargura de estar cerca de dejarlo, la mezquindad de esos otros viejos dañinos que reniegan de lo que ya no tienen o lo que van a perder y parece que preferirían que fuera destruido. En su silla de ruedas, con su mascarilla de oxígeno y los tubos en la nariz, John Huston se recreaba filmando un banquete de Nochebuena con todos los esplendores de un bodegón holandés. A la luz de las lámparas de gas, los comensales tenían los ojos brillantes y los carrillos encendidos de gula. Mayor que John Huston cuando rodaba su última película, tan viejo como es ahora Alex Katz, a los 87 años, Verdi compuso su última



ópera, Falstaff, la más jovial y probablemente la mejor, un fluir de música tan resplandeciente como de Mozart o de Bach, un tumulto de peripecias tan

desbordado como el de El hombre tranquilo de John Ford.» Numa época em que a juventude, a pele sem rugas e a despreocupação com o tempo ocupa tanto espaço

nos media, Muñoz Molina confirma que ainda há espaço para os mais velhos na nossa reflexão comum.



***Eu Confesso* Jaume Cabré Tinta da China A biografia como arte do equívoco**



Como todos os grandes escritores, Jaume Cabré parece ter uma predileção pelo tempo. E como só os grandes escritores, o autor catalão faz de cada página uma elegia a esse elemento impiedoso, alternando a melancolia com o apaziguamento. Já em *As Vozes do Rio Pamano* havia uma reflexão sobre o modo como a história também se faz de memórias deturpadas, às vezes propositadamente e com malícia revisionista, outras vezes através da inevitável modulação que o tempo traz. Em *Eu Confesso*, essa reflexão torna-se mais focada na história pessoal, crescendo à medida que o narrador vai compondo a linha da sua biografia a partir de fragmentos, mais ordenados na infância, mais obscuros à medida que o tempo avança.

Centrado na Barcelona franquista onde Adrià vive a sua infância, *Eu Confesso* atravessa as décadas da biografia do seu narrador ao mesmo tempo que cruza outras eras e lugares, num gesto que convoca a história da Europa para a pequena história pessoal que aqui se conta. Desse gesto nasce a matéria mais sensível do

romance, um modo de clarificar o lugar de cada um no tempo que lhe tocou viver, sabendo que esse tempo é sempre herdeiro de outros e que tudo se relaciona, amarga e ternamente, ainda que teimemos – sobretudo se teirmos – em imaginar a nossa curta história como uma pequena redoma, logro narcisista ao qual é difícil escapar.

Cabré faz do passado matéria narrativa privilegiada para declinar os equívocos da biografia, ao mesmo tempo que afirma que passado e futuro são ficções tão encantadoras como aquelas que podemos imaginar sobre a nossa história. Falhanços emocionais, certezas desfeitas, enganos que alicerçaram uma vida até ao momento em que se revelaram com estrondo. Apesar desse exercício, *Eu Confesso* deve pouco ao pessimismo ou à derrota enquanto modo de confirmar que nada vale a pena. Pelo contrário, quanto mais o narrador de Cabré perde a memória, baralhando factos, pessoas e tempos, mais a sua história revela o nervo e a genica de quem quer estar aqui, sabendo que não o fará para sempre.

Escritor com consciência aguda do tempo, Cabré engendra um narrador que começa por recuar à infância com a leveza de quem vai contar mais uma história sobre esse período tão individual como reconhecível colectivamente, para, à medida que os anos passam e o exercício biográfico se adensa, revelar a demência que se vai insinuando na memória e no quotidiano de quem narra. Que o faça recorrendo a uma mudança subtil na linguagem e no modo de a trabalhar, antes ainda de o leitor ter acesso a esse dado, entretanto incontornável, da demência, só confirma a enorme qualidade da escrita de Cabré, capaz de narrar através do modo como escreve, sem necessidade de apresentar os factos da narrativa arrumados uns a seguir aos outros ou de fingir outros artifícios. *Eu Confesso* será a história imaginada por Adrià sobre a sua própria vida, mas é, antes e depois desse exercício de biografia, um retrato possível da história de cada um de nós, se a soubéssemos olhar com o mesmo desassombro e a mesma devoção.

C E S  R E A

A CABEÇA NO FUNDO DO ENTULHO

FERNANDO MONTEIRO

**UMA ESPIONAGEM CANASTRONA
POR UMA ROMA QUE NÃO
SUSTENTA MAIS SUA LENDA, UM
PRÊMIO NOBEL PELOS SUBÚRBIOS
DO RECIFE... UM UNIVERSO EM
DESCONSTRUÇÃO NESSE
SEGUNDO ROMANCE DE
FERNANDO MONTEIRO, QUE
GANHOU PRÊMIO BRAVO DE
LITERATURA DE 1999.**

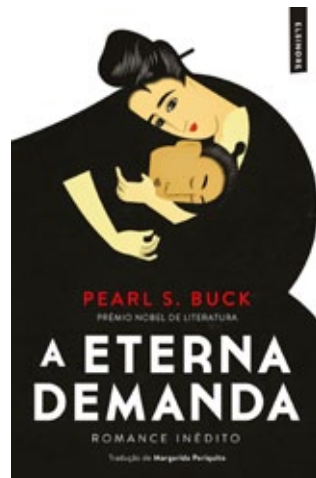
CESAREA.COM.BR



Volta: O Segredo do Vale das Sombras

André Oliveira e André Caetano
Polvo

Primeiro volume de uma trilogia em banda desenhada que junta a escrita de um dos argumentistas mais prolíficos da recente banda desenhada portuguesa e a arte de um autor que já se confirmou como valor seguro, *Volta: Trilogia do Vale das Sombras* é uma narrativa marcada pelo suspense e pelo peso de uma ameaça que se insinua a cada prancha. A narrativa decorre numa aldeia remota e tem como protagonista um homem que ali aparece por acidente, acabando por descobrir-se mais ligado à estranha comunidade aldeã do que poderia suspeitar.



A Eterna Demanda

Pearl S. Buck
Elsinore

Uma nova editora chega às livrarias portuguesas com a tradução (assinada por Margarida Periquito) do último romance de Pearl S. Buck, inédito até há dois anos. A autora trabalhou neste *A Eterna Demanda* nos últimos anos antes de morrer, mas uma complicação entre herdeiros relativamente aos direitos e ao testamento impediu a publicação do livro. Regressando à China que marcou a sua vida e ao tema da identidade e da diáspora que ocupam vários dos seus livros, Pearl S. Buck despediu-se da vida, em 1973, com um romance grandioso, que reflete sobre o que aproxima e afasta Ocidente e Oriente.



A Cruzada das Crianças

Afonso Cruz
Alfaguara

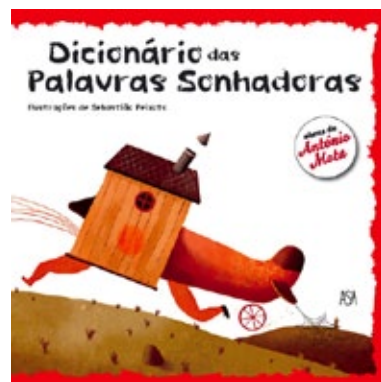
O género literário não limita a implicação poética e política das obras de Afonso Cruz. Comprova-o o texto dramático que agora se edita: uma apologia da mudança protagonizada por crianças. Sem o mínimo laivo de condescendência, as protagonistas põem a nu, com a sua lógica paralela, os mecanismos perversos de funcionamento económico, social e ético do mundo. No seu périplo provocam diálogos desconcertantes com um bibliotecário, um bancário, um médico e um deputado, entre outros. O final ecoa, como um peso na consciência.



O Velho e o Mar

Ernest Hemingway
Livros do Brasil

Recentemente comprada pela Porto Editora, a Livros do Brasil retoma a atividade com a reedição de vários clássicos da literatura que há muito não se encontravam nas livrarias, todos inseridos na mítica coleção Dois Mundos. *O Velho e o Mar* é um desses clássicos, com o bónus de ser traduzido e prefaciado por Jorge de Sena, mas à digressão do pescador cubano pelos abismos e vitórias da coragem e da sua perda juntam-se outros títulos novamente colocados a circular, tais como *Música Para Camaleões*, de Truman Capote, *A Pérola*, de John Steinbeck, ou *A Condição Humana*, de André Malraux.



Dicionário das Palavras Sonhadoras

António Mota
Sebastião Peixoto (ilust.)
Asa

Neste dicionário de palavras sonhadoras, três por cada uma das letras do alfabeto, António Mota faz imperar a metonímia: função, forma, ação, movimento... Assim se amplia o sentido simbólico de cada signo numa direção, que pode ser animizada, sensorial, narrativa. Cumpre o autor a promessa que relata na introdução: fazer sonhar, fazer sorrir. E desafiar o leitor a continuar. Tudo começa com uma motivação, uma promessa e uma viagem de comboio, com um efeito de sinceridade muito caro ao autor.



Agora aqui Ninguém Precisa de Si

Arnaldo Antunes
Companhia das Letras

Compositor e intérprete que tem assinado várias letras de canções que asseguraram o seu lugar entre as muitas estrelas da constelação da Música Popular Brasileira, regressa aos livros com um volume de poemas onde se cruzam as observações sobre o quotidiano com a reflexão sobre a pequenez humana, sempre marcadas por uma espécie de espanto agradecido pelo privilégio de aqui andarmos, debaixo das estrelas e pisando o mesmo chão que as minúsculas formigas. Para além dos poemas escritos, há fotografias, curtas prosas poéticas a alguma poesia visual.



Afuera y Adentro

Mónica Naranjo Uribe
Laguna Libros e Nómada Ediciones

Em 2011, Mónica Naranjo Uribe recebeu uma bolsa atribuída pelo Programa Nacional de Estímulos do Ministério da Cultura da Colômbia e do Fondo Nacional para la Cultura de las Artes, do México. O resultado dessa bolsa surge agora sob a forma de livro, uma narrativa visual dedicada a Oaxaca e à sua Plaza de Santo Domingo. Mais do que um retrato gráfico do estado mexicano, *Afuera y Adentro* é um percurso pelos quotidianos dos muitos que cruzam a praça central de Oaxaca e uma reflexão sobre o espaço e o modo como interagimos com ele.



Era Uma Vez Eu

José Fanha
Booksmile

As memórias de infância são um caminho possível para atenuar o abismo entre o pensamento do adulto que escreve e o da criança que lê. Nesta reunião de pequenos momentos especiais, pelos desejos, frustrações e sentimentos que implicaram, o autor privilegia as suas emoções e juízos em detrimento de descrições prolongadas. Assim garante o pacto de aproximação empática e um efeito de veracidade que leva o leitor, infantil e adulto, às suas próprias experiências, sejam elas esconderijos, Natais, familiares mais ou menos esquisitos, brincadeiras, perdas e descobertas.

GRANTA

PORTUGAL | 5

Falhar melhor

GRANTA 5 | Falhar melhor

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES | MAIO DE 2015

«Falhar melhor. O temperamento de cada um ditará se há na expressão de Beckett pessimismo, optimismo ou resignação. Ela é de tal modo poderosa, que corre o risco de vir a banalizar-se. Talvez já esteja à beira do lugar-comum. Dá bons títulos. [...]

O desafio lançado aos autores que fazem este número está contido na brecha aberta entre o optimismo e o pessimismo, entre a ideia de falhar e a perspectiva de aperfeiçoamento. Um salto sem rede.» —CVM

TEXTOS

Bruno Vieira Amaral, Rui Ângelo Araújo, Joana Bértholo, Cláudia Clemente, Jonathan Franzen, Paulo Varela Gomes, Howard Jacobson, Pedro Mexia, Herta Müller, Jacinto Lucas Pires, Simon Schama, Gore Vidal

ENSAIO FOTOGRÁFICO

Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot

ILUSTRAÇÕES

Catarina Sobral

CAPA

Jorge Colombo

Receba 4 números da GRANTA com 25% de desconto.

Portugal: 54€ | Europa: 74€ | Resto do mundo: 86€

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**

**Campo de
Ourique,
Lisboa**



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

*Contar os anos
pelos dedos
e encontrar
a mão cheia*

18 junho 2015,
nos 5 anos
da morte de
José Saramago

A INFINITA
VIAGEM
AO LADO DE
JOSÉ SARAMAGO

RICAR
DO
VIEL

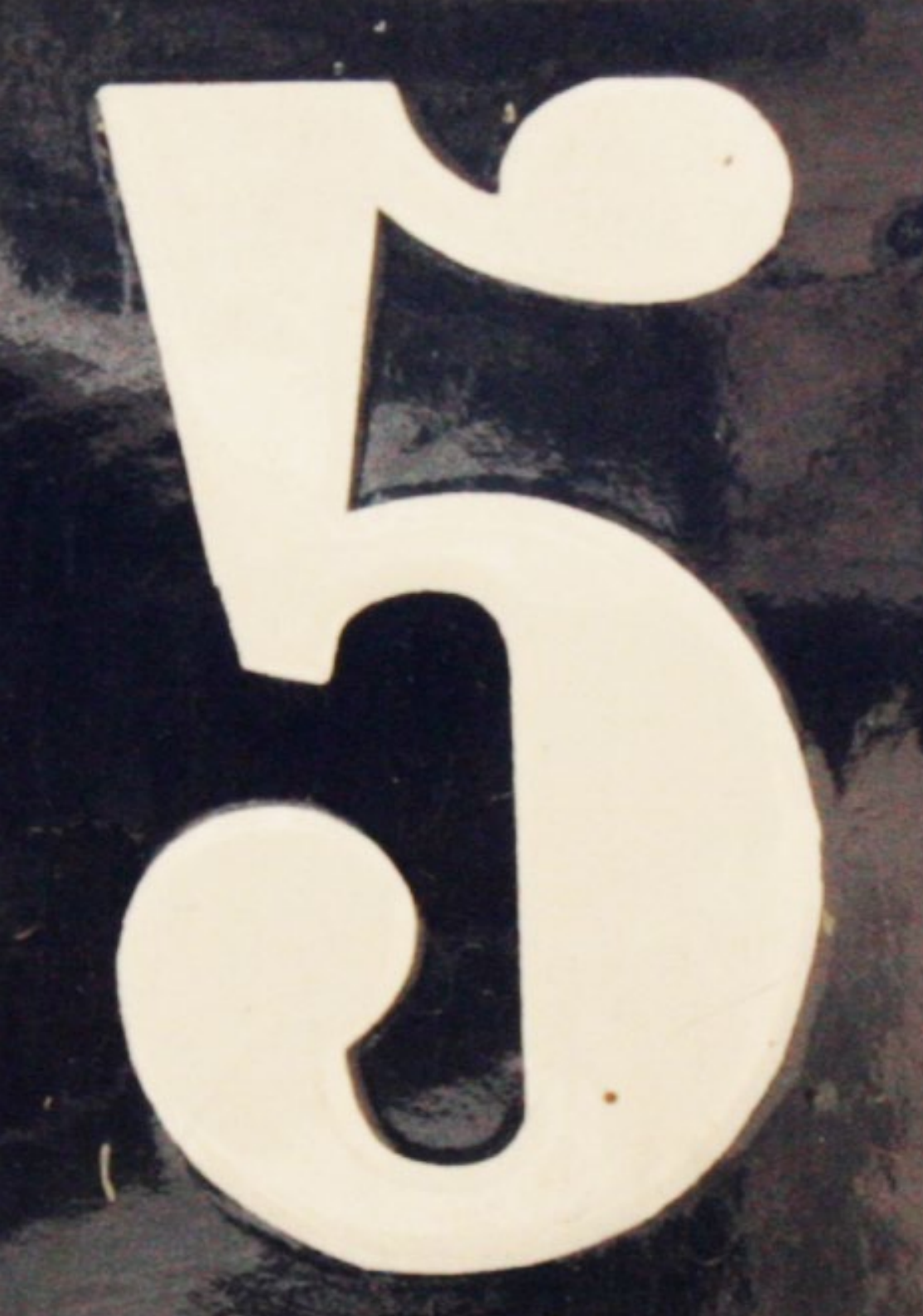


á umas semanas, a propósito da passagem do primeiro aniversário da morte de Gabriel García Márquez, o escritor nicaraguense Sergio Ramírez citou, num artigo publicado no jornal espanhol *El País*, uma curiosa teoria sobre a morte dos escritores. Segundo ela, um escritor quando morre vai para o Purgatório e ali permanece um razoável período de tempo até que se decida o seu destino. Se, depois desse tempo, a sua obra continuar a ser lida e o seu nome recordado, ele (ou ela) irá para o Paraíso, que é a imortalidade literária; caso contrário, se tiver caído no esquecimento, a sua sorte será o Inferno.

«Sabemos que a morte é uma chatice, claro, e no caso dos escritores é uma dupla chatice. O escritor morre e a sua obra, geralmente, entra numa espécie de nuvem negra», disse José Saramago em 2008, numa entrevista que Pilar del Río lhe fez para o periódico português *Expresso*. Neste mês de junho completam-se cinco anos sobre a morte do escritor, que faleceu no dia 18 de junho de 2010, em Lanzarote, aos 87 anos. O que tem o futuro reservado para José Saramago?

«Saramago permanece uma forte referência na cultura dos nossos dias. Os seus livros continuam a ser lidos e traduzidos no mundo todo, não se perdeu o interesse», diz o escritor e ensaísta espanhol Fernando Gómez Aguilera, e autor de *José Saramago: A Consistências dos Sonhos Cronobiografia*. Para ele, na teoria citada por Ramírez, o Nobel português estaria mais próximo da imortalidade do que do esquecimento. «Os clássicos formam-se com a perspetiva do tempo. Saramago já é um escritor de culto e alguns dos seus livros, como *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a Cegueira* já são clássicos da literatura em língua portuguesa, e alguns deles da literatura mundial.»

O facto de José Saramago continuar a ser traduzido, e a sua obra reeditada, é um sintoma de que os seus escritos, passados cinco anos sobre a sua morte, continuam a interessar os leitores. Mas mais do que lida, a sua obra está viva, em



constante transformação, como se a partir das suas histórias e ideias brotassem muitas outras. Nos últimos anos foram realizadas inúmeras peças teatrais – de companhias amadoras e profissionais, para espaços pequenos ou grandes lugares – a partir de títulos do escritor português. Só neste ano de 2015, e até ao momento, grupos teatrais de Portugal, Grécia, Holanda e Estados Unidos fizeram subir aos palcos obras de José Saramago. As suas palavras também foram, nestes últimos anos, transformadas em música e cinema. Exposições fotográficas, ensaios, teses e revistas académicas, livros publicados a partir de entrevistas e de conferências e muitas outras iniciativas têm alimentado a memória do Nobel português de literatura.



semelhança da obra literária, a sua constante intervenção civil também não foi esquecida. Nestes cinco anos, a voz de José Saramago foi recordada inúmeras vezes. Quando em Espanha, em 2011, surgiu um movimento que, descontente com a maneira como a democracia caminhava, tomou as ruas, escutou-se: o que diria José Saramago sobre isso? Quando se viram imagens de centenas de pessoas navegando em frágeis balsas, arriscando assim a vida em busca de um futuro melhor na Europa, a pergunta foi: o que diria José Saramago sobre isso? E sobre os 43 jovens desaparecidos no México? E sobre o fim do embargo económico dos Estados Unidos a Cuba? E sobre o novo papa? E sobre o agora chamado Estado Islâmico? A resposta é um incómodo silêncio. José Saramago já não está, já não escreve nem fala com aquela lucidez que impressionava. É impossível saber o que pensa, mas é sim possível recordar o que dizia, como pensava. «O seu pensamento social e político, a sua consciência crítica, as suas reflexões sobre a democracia, o poder financeiro não democrático, os oligopólios, o empoderamento do cidadão, tudo isso tem hoje mais vigência do que nunca», diz Fernando Gómez Aguilera. «Livros como *Ensaio sobre a Lucidez* ganham até um certo tom profético», completa. «Sinto muito a falta dele, sobretudo a convivência, os encontros informais do dia a dia, a sua ausência humana, mas também as suas reações

e critérios de análise perante o que acontece no mundo, nestes tempos de violência financeira e institucional, incerteza, agressões aos mais fracos, mau-estar e desumanização. A sua voz ajudar-nos-ia a compreender e reagir», diz Aguilera.

Nestes cinco anos José Saramago foi lembrado nos principais encontros literários realizados por esse mundo fora. Em Washington, São Paulo, Guadalajara, Cidade do México, Madrid, Porto, Sevilha, além é claro das suas Lisboa e Lanzarote, milhares de pessoas participaram em emocionantes sessões evocativas. Mas não só nos ambientes literários e académicos a memória do escritor português foi alimentada. Também nas ruas, frases em paredes e em cartazes encabeçando manifestações, as palavras de José Saramago continuam a ecoar, repetidamente revisitadas e reinterpretadas.



o último capítulo de *Viagem a Portugal* o escritor diz que a viagem não acaba nunca, são só os viajantes que acabam. E ainda assim, podem prolongar-se em memória, lembrança e em narrativa, acrescenta. «O fim da viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre», escreveu José Saramago. O mesmo se pode dizer dos seus livros, que não

se esgotam, que convidam a uma caminhada infinita. Vale a pena visitar as suas histórias, viajar novamente ao lado das suas personagens, testemunhar novamente episódios e diálogos. O viajante já não está, mas os seus livros permanecem.

OS CONSTRU
TORES DA
LITERATURA
UNIVERSAL

Talvez por também ter sido tradutor. Talvez porque viu de muito perto o trabalho que a sua companheira Pilar del Río tinha para traduzir a sua obra. O facto é que José Saramago valorizava, e muito, o ofício daqueles que possibilitam que os seus livros sejam lidos em outros idiomas. Certa vez disse que os escritores faziam a literatura nacional e os tradutores a literatura universal. Também se pronunciou em favor de que esses profissionais, assim como os escritores, recebessem direitos de autor sobre a venda dos livros.

Publicado em mais de 70 países, José Saramago acumulou ao longo da vida dezenas de tradutores. Com alguns deles a relação extrapolou a esfera profissional. É o caso, por exemplo, de Pál Ferenc, que trabalhou em onze títulos do autor de *A Caverna*. Conheceram-se em 1982, quando o húngaro esteve em Portugal com uma bolsa de estudante. «Nessa época visitava alguns escritores portugueses em suas casas, os que conseguia contactar e que aceitavam receber-me. Assim foi com José Saramago, fiz-lhe uma entrevista para uma rádio húngara e também a publiquei num jornal.» Em 1987 traduziria *A Jangada de Pedra*, o primeiro livro do Nobel português no qual trabalharia, e em 2013 *Claraboia* – até agora o último. Durante esses mais de 20 anos de trabalho viram-se várias vezes e estabeleceram uma relação de «quase amizade», como define Ferenc. «Tinha um contato regular com José Saramago, inicialmente por correio e depois por e-mail: sempre que no texto dos romances surgia uma palavra ou frase em que eu tinha dificuldade perguntava-lhe e ele ajudava-me a encontrar uma interpretação correta.» Mas o conteúdo das missivas também ia além das questões de trabalho. «Falávamos, em primeiro lugar, sobre questões da vida diária, política, questões estéticas e aquelas questões do futuro da Humanidade que surgem nos seus romances a partir de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Há uma carta minha, na qual falo sobre as transformações políticas na Hungria no início da década de 1990, que Saramago publicou em um dos *Cadernos de Lanzarote*.»

A italiana Rita Desti «acompanha» José Saramago desde 1983, quando traduziu – a quatro mãos com Carmen Radulet – o *Memorial do Convento*. Nesses muitos anos de convívio, em que praticamente traduziu a obra completa do português,

encontraram-se em Lisboa, em Lanzarote e também em diversas cidades de Itália. «Em todas estas ocasiões eu não podia deixar de, brincando, agradecer a José por ter eu “aprendido”, ao traduzir os livros dele, não só a língua portuguesa mas também a língua italiana e, sobretudo, a pensar! Ele ria», recorda Desti. Para ela, o maior desafio ao traduzir o português foi procurar que a musicalidade do texto não se perdesse. «A partir do segundo ou terceiro livro que eu traduzi, descobri que a melhor maneira para fazer uma revisão da tradução era ler o meu texto italiano em voz alta, e ouvir minha própria voz. E continua a ser esse, também, o conselho que sempre dou aos leitores amigos que manifestam as suas dificuldades de ler textos tão espessos e densos que não permitem a menor distração na leitura.»



Margaret Jull Costa verteu para inglês 11 romances de José Saramago, sendo o primeiro *Todos os Nomes* e o último *Claraboia*. «Adoro-os todos, mas talvez porque fosse o primeiro romance dele que traduzi, o meu favorito é *Todos os Nomes*. Também porque a prosa é tão deliciosa, com as descrições da chuva e da escuridão, e porque o Senhor José é como todos nós – fútil, absurdo e corajoso.» Tradutora também de Fernando Pessoa e Eça de Queiroz, Jull Costa encontrou no estilo de narrar de José Saramago algumas dificuldades. «As frases tão largas, a escassa pontuação e os diálogos que formam parte daquelas frases foram uma dificuldade. Também gosta muito de trocadilhos e de provérbios, mas encontrar soluções em inglês para tais “problemas” faz parte do prazer de traduzir», conta a premiada tradutora. Embora seja trabalho, traduzir também lhe traz prazer e a emociona. «Para ser tradutor/a é preciso desfrutar da leitura do texto original e desfrutar também da sua própria língua. Traduzir Saramago é um prazer e um privilégio, acho que fiquei emocionada com cada um dos livros dele.»

Outro experiente tradutor que trabalhou sobre mais de uma dezena de títulos de José Saramago é o holandês Harrie Lemmens. «Talvez o mais complicado para mim tenha sido o *Memorial do Convento*, por ser o primeiro. Graças a Deus

sou católico e conhecia muitas das coisas de que ele fala no livro.» O facto de ter vivido em Lisboa em 1985 – época em que conheceu José Saramago – e ser casado com uma portuguesa também o ajudaram na tarefa de traduzir. «Não costumo recorrer ao autor. Sei que há tradutores que o fazem. Eu tento resolver os problemas buscando uma equivalência em holandês, e tenho a sorte de ser casado com uma portuguesa, que me ajuda muito.» Para Lemmens, até mais importante do que uma consulta pontual é a possibilidade de conhecer o autor. «Se ele estiver vivo, eu tento sempre conhecê-lo, acho importante saber quem é, escutar a sua voz. O escritor está dentro do livro e, conhecendo-o, também conheço um pouco o espírito dos seus livros», diz.

Asérvia Jasmina Neškovič também não tem o costume de recorrer ao autor da obra quando traduz. «O trabalho do tradutor é um trabalho criativo, um certo género de arte e, como tal, deve ser pessoal. Por isso, nunca pedi ajuda aos escritores que traduzi. A tradução era sempre para mim uma aventura, quase uma peregrinação, que nos leva por caminhos desconhecidos, ora planos e abertos, ora íngremes e sombrios, cheios de perigos, obstáculos, emboscadas e maravilhas. Este percurso faço-o sempre sozinha, porque só assim posso ficar contente quando chegar ao fim.» Mas tal como o colega holandês, quando teve a oportunidade de conhecer José Saramago, não a desperdiçou. Foi em 2002, na Feira do Livro de Lisboa. Entrou na fila para os autógrafos e quando chegou a sua vez, disse-lhe: «Boa tarde, eu sou a tradutora de José Saramago.» Conta que o escritor tirou os óculos, fitou-a, e «com um olhar de curiosidade» perguntou que livro tinha traduzido e para que idioma. «Ao ouvir que se tratava de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, disse-me: “Parabéns, teve muito trabalho”. E eu respondi-lhe: “sim, mas menos trabalho do que o senhor”», recorda a tradutora.

Na profissão há quase três décadas, a alemã Marianne Gareis viu-se perante um obstáculo complexo ao traduzir um dos sete títulos de José Saramago: «Para mim a maior dificuldade foi traduzir *As Intermittências da Morte*, porque em ale-



mão o género gramatical da morte é masculino.» A solução para o problema foi encontrada com a ajuda do autor. «Encontrei um truque, e curiosamente foi o próprio Saramago quem me levou a essa solução. O romance contém um carta escrita pela morte em que deixa bem claro que ela não é a Morte com maiúscula, mas simplesmente morte. Tanto é que assina: “morte”. Por isso decidi chamar a minha morte simplesmente de “morte” ou – em alemão – tod, como se fosse um nome próprio. Por exemplo: “No próximo dia morte foi à cidade”. Assim foi possível falar de “ela”, “sua”, etc., e criar uma morte feminina.»

Jon Alonso, tradutor para o basco, também teve muito trabalho para traduzir a *História do Cerco de Lisboa*. O facto de o euskera ser um idioma sem parentesco linguístico com as restantes línguas existentes é um desafio, explica. «A questão fundamental é que, sintaticamente, as frases em basco não seguem o padrão Sujeito-Verbo-Predicado, seria sobretudo Sujeito-Objeto-Verbo. Além disso, o basco funciona à base de posposições (declinações) e não preposições. O resultado prático disso é que muitas vezes eu me via obrigado a desmontar a frase original, estudar os seus elementos, traduzi-los e redistribuí-los por outra ordem no idioma de chegada.»

No caso da eslovena Petrovska Mirolava a dificuldade ao traduzir não foi apenas técnica, mas também emocional. «Acho que a maior dificuldade que tive foi ao traduzir certas partes do *Ensaio sobre a Cegueira*, porque descreviam situações realmente muito duras que a dada altura considere até perversas. Lembro-me que comprei o livro em Lisboa e o li no avião. Foi tão duro que tive que interromper a leitura, e por momentos até me interroguei sobre se o autor devia ter posto no romance cenas tão brutais. Dez anos depois traduzi o livro, e na altura em que estava trabalhando nele ouvi na rádio que imigrantes albaneses em Itália formavam grupos nas instalações a que estavam confinados e vendiam no mercado negro a comida que recebiam, organizavam a prostituição, assaltavam e roubavam. Então compreendi a capacidade visionária de José Saramago.» RV

Gostaria de ter traduzido o Ensaio sobre a Cegueira porque, além de ser o seu livro que mais me faz recordar a Kafka (essa influência que tanto se menciona ao citar Saramago), é o livro que sempre me vem à memória quando estou no meio de uma multidão. Dos livros que conheço é o que mais lucidamente define o que somos como espécie.

Jon Alonso, tradutor para o basco

O livro de José Saramago que tive mais gosto em traduzir foi As Intermittências da Morte, porque é uma das histórias de amor mais bonitas que conheço e porque o fim do romance é o mais bonito que conheço!

Marianne Gareis, tradutora para o alemão



A mais “emocionada” tradução que fiz foi a de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Foi um trabalho rápido, três meses em que convivi com o texto de Saramago, trabalhando 15 horas diárias quase num êxtase. O texto de Saramago e da Sagrada Escritura que lia e usava constantemente faziam-me transbordar, e assim saiu um texto poético que também cativou o público leitor, tendo recebido este romance de Saramago muito elogios por essa imensa carga poética.

Pál Ferenc, tradutor para o húngaro

Para ser tradutor/a é preciso desfrutar da leitura do texto original e de desfrutar também da sua própria língua. Traduzir Saramago é um prazer e um privilégio, acho que fiquei emocionada com cada um dos seus livros.

Margaret Jull Costa, tradutora para o inglês

A leitura dos livros de José Saramago não é fácil, exige a participação ativa do leitor, mas a recompensa dessa leitura exigente é a satisfação por ter obtido uma nova visão do homem, do mundo, do amor, da sociedade, da história... Do ponto de vista da tradução a situação é semelhante, mas acho que mais complicada, pois o tradutor tem a responsabilidade de transmitir a mensagem do autor aos leitores de uma língua diferente, cuja percepção da realidade objetiva não é necessariamente a da língua portuguesa.

Petrovska Miroslava, tradutora para o esloveno

O estilo de José Saramago não me é difícil. Acho muito bonito essas frases longas e a sua maneira de pontuar. Para traduzir é preciso apropriar-se do estilo do autor. Eu costumo dizer que traduzir é inventar o que já foi inventado. É o que eu procuro fazer quando traduzo.

Harrie Lemmens, tradutor para o holandês

O livro de José Saramago que traduzi e que mais me emocionou foi Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas (publicado na Itália pela Feltrinelli, com o título de Alabarde Alabarde). Aquelas trintas páginas, que só deixam vislumbrar o que poderia ter sido um novo romance, deram-me o tamanho da sua ausência. E a saudade que senti foi imensa.

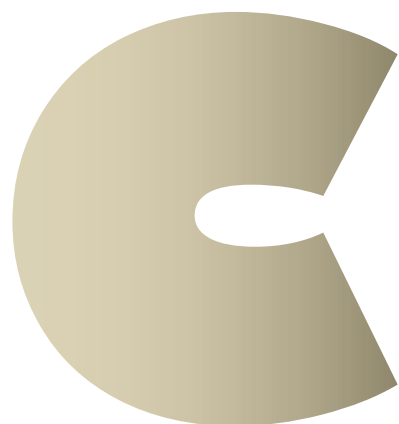
Rita Desti, tradutora para o italiano

O primeiro livro de José Saramago que traduzi, com grande prazer e dedicação, foi **O Ano da Morte de Ricardo Reis**. Optei por esta obra, não só porque se trata de um romance sobre Fernando Pessoa, cuja poesia já traduzira antes mas, além disso, porque se trata de um romance sobre Lisboa, que deslumbra os leitores com a magia dessa cidade “a ponto luz bordada...”. O livro saiu em 1997, e até agora, teve cinco edições. Muitas páginas ainda sei de cor, além de outras, que evito reler, porque me fazem sempre chorar. Mas este é um “choro por bem”.

Jasmina Neškovič, tradutora para o sérvio

«PILAR TENS UM TRABALHO»

ENTRE
VISTA
POR
RICAR
DO
VIEL



onheceram-se em 1986, em Lisboa, graças aos livros. Alguns meses depois a espanhola Pilar del Río, leitora de José Saramago, transformar-se-ia em sua companheira. E passados dez anos seria «promovida» a tradutora, o que lhe trouxe, além de muito trabalho, a possibilidade de acompanhar ainda mais de perto o processo de criação do autor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* – livro que, como costuma contar, a levou a Lisboa para conhecer os lugares do romance e o homem que o havia escrito.

Pilar del Río, jornalista, tradutora e presidenta da Fundação José Saramago, conversou com a *Blimunda* sobre essa difícil e bela tarefa que é a tradução. «Gosto muito de traduzir, é partilhar amores», dirá no final da entrevista que pode ser lida a seguir:

O seu primeiro contato com o idioma português foi a partir de José Saramago ou não? Lembra-se do primeiro livro que leu?

Os primeiros livros que li em português, por recomendação de José, foram *Agosto*, de Rubem Fonseca, e *Uma Família Inglesa*, de Júlio Dinis.

E o primeiro livro de Saramago?

Foi o *Levantado do Chão*, que na altura em que li ainda não estava traduzido para espanhol.

A primeira tradução que fez foi a de *Todos os Nomes*, não? Como e por que se decidiu que Pilar del Río seria a tradutora de José Saramago?

Porque Basílio Losada, que era quem o traduzia para o castelhano, anunciou na apresentação de *Ensaio sobre a Cegueira* que estava a ficar cego e que não voltaria a traduzir. Foi nesse momento que José me disse: «Pilar, tens um trabalho.» Antes, já havia traduzido conferências, artigos e correspondências suas.



Costumava traduzir a obra enquanto Saramago a escrevia, o que penso que não é algum muito habitual entre os tradutores. O que ganhava e o que perdia nesse processo?

Ganhava sempre. Tinha a sorte de assistir de dentro ao processo criativo. Era emocionante.

E quais eram as vantagens de ter o autor tão perto no momento de traduzi-lo?

A vantagem era essa: ter o autor ao lado. É claro, isso intimidava-me e tirava-me liberdade. Eu ouvia a voz do autor e a música do texto, e diante dessa sinfonia sentia-me pobre e pequena. Por sorte também era o suficientemente ousada para não ter um bloqueio de pânico.

E medo, nunca teve?

Sim, sempre me acompanha a sensação de não estar à altura do autor. É o drama, a tragédia dos tradutores.

Não teve nunca vontade de fazer como o revisor da *História do Cerco de Lisboa* e mudar o rumo de um relato?

Não! Já disse que sou ousada, mas não a este ponto. Quando José escreveu a *História do Cerco de Lisboa* ele estava efabulando com a liberdade do escritor e partia de uma ideia tão forte como a separação da Península Ibérica da Europa. Que um revisor ou tradutor modifique um texto até ao ponto de colocar um não onde há um sim é a situação impossível que José Saramago necessitava para escrever as suas ficções. Tive vontade, como imagino que todos os leitores têm, de dar um empurrão numa personagem, ou puxar-lhe as orelhas, gritar-lhe, mas isso é experiência de leitora, não de tradutora.

Nunca sequer sugeriu mudanças enquanto acompanhava a evolução do livro?

O melhor tradutor é o mais invisível, mas tive duas intervenções na obra de José Saramago que conto com muito orgulho. A primeira foi convencê-lo, quando escrevia *Todos os Nomes*, que sem luz elétrica um atendedor de chamadas não funciona. Para isso tive que demonstrar-lhe na prática, cortando a luz da casa, e assim evitei que fosse publicado um erro no romance. A outra intervenção foi na última palavra do livro *A Caverna*. José havia escrito «bilhete». Quando viu que, ao traduzir, eu havia colocado «entrada», ele trocou a palavra e ficou com a minha. E pronto, assim acaba minha influência na obra literária de José Saramago.

As dedicatórias, José Saramago colocava-as no final ou no começo da escrita do livro? E emocionava-se enquanto as traduzia?

Ele colocava-as ao final. E sim, sentia pudor ao traduzi-las, mas jamais lhe pedi que fosse mais ou menos discreto, simplesmente agradecia, com a mesma emoção que ele mas entregava. Vinha sempre até ao meu escritório, aproximava-se por trás enquanto eu traduzia o que me havia entregado antes, esperava em silêncio o meu próprio silêncio e... enfim, não digo mais. Duas pessoas diante de uma obra e uma vida compartilhadas.

Dos livros que traduziu algum foi especialmente difícil? Porquê?

Todos os Nomes foi o mais difícil, talvez por ser o primeiro e porque perdi um ficheiro com cerca de 80 páginas traduzidas e que me tinha dado muito trabalho fazer. Fiquei tão deprimida que preferi fazer uma pausa, e viajei para visitar a minha mãe. Desfrutei de uns dias a seu lado, as últimas férias que tivemos juntas. Precisei afastar-me do texto para não desistir. No regresso, decidi deixar para o final as páginas que havia perdido e continuei a tradução. E confesso que encontrei as mesmas dificuldades e dúvidas de quando me propus traduzir aquelas páginas perdidas. Não tinha aprendido nada.

Não teve vontade de traduzir os livros anteriores a *Todos os Nomes*? E os poemas, arriscar-se-ia?

Não, nunca quis nem quero traduzir obras já traduzidas, ainda que esteja consciente de que serão feitas outras traduções, começando pelos títulos de que me ocupei. E quanto a poesia, jamais me arriscaria, o meu atrevimento tem limites. Para traduzir poesia é preciso ser poeta, acho.

É a tradutora de um só autor?

Quis traduzir o Chico Buarque, mas ainda não era o seu momento em Espanha. E agora estou com um livro do José Luís Peixoto. E sim, já traduzi outros autores e autoras. Gosto muito de traduzir, é partilhar amores.

ESCUITEM,
JOSÉ SARAMAÇO
CONTINUA
A FALAR

HARRIE
LEM
MENS

Texto de despedida publicado na edição holandesa de *Caim*



o dia 18 de junho de 2010 o tradutor Harrie Lemmens estava no carro, em Amesterdão, rumo a um encontro para falar sobre a obra de José Saramago quando recebeu a notícia da morte do escritor. Depois da conversa com leitores, Lemmens voltou a casa e decidiu escrever ao editor de José Saramago na Holanda para propor um posfácio ao romance que acabava de traduzir, *Caim*.

Agora, e pela primeira vez, o texto de Harrie Lemmens é publicado em português.

... não haverá nada mais que contar, é a frase final de *Caim*. Sim. Não haverá nada mais que contar. Não neste livro, não em próximos livros. José Saramago, que jamais se calou perante nada ou perante ninguém, calou-se agora para sempre. Teve de curvar-se perante a morte, ele que nunca se curvou perante ninguém. Mas ficará imortal através da sua obra e sobretudo da série dos seus catorze romances involuntariamente encerrada com este romance (apesar dos seus oitenta e sete anos, estava a começar um novo livro). Enumerá-los é como ir abrindo janelas uma a uma: *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *A Jangada de Pedra*, *História do Cerco de Lisboa*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes*, *A Caverna*, *O Homem Duplicado*, *Ensaio sobre a Lucidez*, *As Intermitências da Morte*, *A Viagem do Elefante*, *Caim*. Janelas que oferecem não só o panorama do mundo deste extraordinário narrador, mas refletem também o mundo daqueles que leem os seus livros.

Já se disse e escreveu vezes sem conta que: ler Saramago é escutar, já que ele se dirige diretamente ao leitor. Ao mesmo tempo que conta uma história vai fazendo comentários a essa história. E, talvez o que é mais importante, chega mesmo a interpelar o leitor. «O que achas disto aqui?» Ou: «Isto não é uma vergonha?» Ou: «Estás a ver o que acontece se...» Prevenindo e elucidando, acusando e reprovando, explicando e informando. Mas exprimindo também emoção e condescen-

dência, empatia e compaixão, paixão e poesia. Uma vez com ironia, outras vezes com indignação, outras vezes ainda com humor ou extrema seriedade.

Baltasar e Blimunda, Ricardo Reis, Senhor José, Sara, Joana Carda, Cipriano Algor, Raimundo, a mulher do médico e todas as outras personagens que povoam os seus romances transformaram-se em entes queridos tanto para os seus leitores como para os seus tradutores. Tal como os seres anónimos, trabalhadores-escravos, explorados da História, a quem Saramago dá nome no *Memorial do Convento* e todas as outras figuras reais, inventadas e míticas que desperta para a vida. E aqui não podemos esquecer naturalmente o pobre do elefante Salomão ou Solimão a quem obrigam a fazer uma penosa viagem através da Europa só porque os senhores poderosos têm o hábito de trocar presentes por adulação ou para obter algum tipo de benefício.

As frases de Saramago, cordões de ouro incrustados de diálogos, autênticas pedras preciosas, ecoarão para sempre na nossa mente. São ondas que se espalham eternamente pela areia, ora com violência ou brandura, ora com força destrutiva ou a suavidade de um rendilhado de espuma. Foi um desafio inventar novas frases capazes de exprimir a mesma coisa com a mesma força e musicalidade – com a noção de jamais conseguir igualar as originais.

Não, não haverá novos livros, mas os existentes têm muito para contar. Escutem. Saramago continua a falar.

Tradução de Ana Carvalho



CAR
LOS
REIS

ESCRITOR

COMO MESTRE:

NAMORTE DE

JOSÉ SARAMAGO



As palavras que aqui vos trago são minhas e são de muitos. As palavras a que neste ato dou voz emocionada prolongam, por certo, o que incontáveis leitores, amigos e admiradores de um grande escritor português chamado José Saramago por todo o mundo têm sentido, desde que se apagou a chama de quem a deu a personagens, a versos e a gestos tão humanos como só as ficções sabem fazê-los. Não são, pois, palavras só minhas as que aqui digo. E sei bem que, falecendo em mim engenho para mais, não cabe nelas tudo quanto tem de ser dito num dia como este. Por isso, peço ajuda a um título de José Saramago, para logo lembrar muito daquilo que o escritor nos deixa: «De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz», anunciou Saramago em Estocolmo, no dia 7 de dezembro de 1998. Retomo a expressão de humildade e lucidez e, com a permissão do escritor sempre presente, reinvento-a: «De como o escritor foi mestre e o leitor seu aprendiz».

Assim é. Temos sido, sempre seremos discípulos do homem escritor que um dia ajudou um avô chamado Jerónimo nas andanças de pastor, com ele cavou a terra do quintal, cortou a lenha para o lume, fez subir água do poço comunitário. É esse o princípio de uma história que verdadeiramente não termina hoje. Mas é bem verdade que foi daquele começo singelo que José Saramago partiu para enfrentar um desafio de impossibilidades várias que o trabalho, o talento e os acasos da vida modelaram num trajeto literário que continua para além deste dia e dos que depois virão.

Muitos e longos caminhos foi preciso andar para que o quase estigma de quem andou descalço até aos 14 anos se volvesse num tal percurso literário. É a esse percurso e ao que dele recebemos que hoje, como eternos aprendizes do mestre inesquecível, pagamos o tributo comovido de uma despedida também ela impossível. Porque soube ser uma personalidade em quem uma cultura se identifica, em quem uma literatura se ilustra e em quem um idioma se singulariza, José Saramago não parte «ligero de equipaje», como o grande poeta que um dia se foi, tragicamente ignorado pela ingratidão

dos homens. De José Saramago fica-nos um legado inestimável e precioso, fruto do milagre que a literatura e as suas palavras favoreceram: a água que a criança de pé descalço fazia subir do poço transmutou-se, fluiu no longo rio de muitos relatos e desaguou, sempre viva e sempre cristalina, nas histórias que o escritor nos contou, nos poemas que escreveu, no teatro que construiu. E assim, com José Saramago e de José Saramago recebemos a herança de uma memória longínqua e contudo para sempre presente: a das noites da infância, cujo negrume só a magia do contador de histórias conseguia rasgar. Disse-o José Saramago, sempre evocando o profundo saber do avô Jerónimo: «Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias e os casos que o meu avô ia contando: lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias que me mantinha desperto, ao mesmo tempo que suavemente me acalentava» (p. 12).

Desse «rumor de memórias» viveu e viverá a literatura de um grande escritor, acrescentando-se a ela uma aguda e inquieta autoconsciência do trabalho da escrita literária e da ética que a sustenta. Justamente: o primeiro romance em que José Saramago se fez romancista duradouro, *Manual de Pintura e Caligrafia* de seu nome, foi sobretudo uma tentativa em torno da escrita e da representação; antevia-se nele o que o escritor depois haveria de descobrir, de novo em contexto ficcional, e que assim se disse, n'*A Jangada de Pedra*: «Difícilimo ato é o de escrever, responsabilidade das maiores.

José Saramago aprendeu a ser escritor cultivando o «difícilimo ato de escrever» que de outros herdou. Para que assim pudesse ser, muitas e singulares coisas aconteceram na história pessoal de José Saramago, uma história de impossibilidades outras, anteriores ainda às da ficção. Foi ele quem o disse no discurso de Estocolmo, sem todavia tudo revelar. Disse da sua infância, dos avós que o criaram, dos livros que leu e também de uma certa linhagem

familiar em que o escritor galardoado com o Prémio Nobel sempre se apoiou e reviu: «Um avô berbere, vindo do Norte de África, um outro avô pastor de porcos, uma avó maravilhosamente bela, uns pais graves e formosos, uma flor no retrato – que outra genealogia pode importar-me? a que melhor árvore me encostaria?» (p. 16).

A genealogia de Saramago não é apenas a da família que o honra por ter sido ela quem foi, pois que àquela veio juntar-se um outro movimento de descendência, desenvolvida nos ramos de uma frondosa árvore literária. Expressa ou tacitamente, visivelmente ou de forma sinuosa, José Saramago e a sua literatura entroncam no Padre António Vieira cultor da metáfora, da parábola exemplar e da tensa dialética argumentativa; em Montaigne e na vocação sentenciosa e reflexiva de quem ensaia para devassar o desconhecido; em Garrett e na sua inovadora língua literária; em Raul Brandão e no discurso que vai da narrativa à intuição lírica e à indagação especulativa; em todos estes e também, por diversas formas, em Camões, em Fernando Pessoa, em Almada Negreiros e em Kafka. Em diálogo com todos e com cada um deles enunciou José Saramago as «obscuras verdades da competição e da contaminação» de que falou Harold Bloom, o mesmo renomado crítico que em *Genius: A Mosaic of One Hundred Exemplary Creative Minds* disse do autor do *Memorial do Convento*: é «o mais talentoso romancista vivo nos dias de hoje». Um mestre, acentuou ainda Bloom.

Um mestre que aprendeu a sê-lo, acrescento agora. E volto à aprendizagem. Naquele discurso de Estocolmo que já mencionei, leio, em certo momento, a mais densa homenagem que um escritor pode fazer à literatura e aos que creem no seu poder libertador: aprender com ela, ser criatura desses que ele mesmo criou. «A pessoa em que hoje me reconheço», declarou José Saramago, é «criador dessas personagens, mas, ao mesmo tempo, criatura delas» (p. 17). E mais: são esses os «mestres de vida, os que mais intensamente me ensinaram o duro ofício de viver, essas dezenas de personagens de romance



e de teatro que neste momento vejo desfilar diante dos meus olhos, esses homens e essas mulheres feitos de papel e de tinta, essa gente que eu acreditava ir guiando de acordo com as minhas conveniências de narrador e obedecendo à minha vontade de autor» (p. 18).

Por isso as convoco eu neste dia e nesta hora, como fascinantes seres de papel que vivem a perenidade de uma existência que transcende a do escritor. «Amigos e conhecidos que nunca existiram», disse Fernando Pessoa num texto famoso sobre os seus heterónimos, «mas que ainda hoje [...] oiço, sinto, vejo.» E para que dúvidas não ficassem, o genial poeta reforçou: «Oiço, sinto, vejo... E tenho saudades deles.»

Das personagens de José Saramago, magistral inventor de ficções que ecoam no quotidiano palpável das nossas vidas, bem podemos dizer o mesmo. Todas são, por fim, mestres do escritor e nossos mestres, sempre que nas suas ações, nos seus rostos e nas suas palavras reencontramos a sabedoria de homens e de mulheres legitimados pela autonomia e pela incondicional possibilidade que a ficção lhes confere; homens e mulheres chamados Baltasar e Blimunda, Ricardo Reis e Bartolomeu Lourenço, Raimundo Silva e José, Maria Sara e Ouroana, Lúcia e Maria de Magdala, Joana Carda e Cipriano Algor, o elefante Salomão e o seu cornaca, Tertuliano Máximo Afonso e António Claro, sua cópia exata e duplicada – ou vice-versa. E mesmo quando o nome não está lá – como em *Ensaio sobre a Cegueira* e em *Ensaio sobre a Lucidez* – é a sua omissão, como falso anonimato, que alegoricamente projeta os homens e as mulheres da ficção sobre o mundo real em que revemos dramas e conflitos ficcionais identificados como nossos e porventura com os nossos nomes. Citando um título conhecido: identificados com *Todos os Nomes* que no nosso mundo se encontram; ou ainda, lembrando palavras do escritor, no discurso de Estocolmo: «Não escritos, todos os nossos nomes estão lá» (p. 33).

São estas figuras e outras mais (sem esquecer um cão chamado Constante), com nome inscrito ou sem ele, que nos provocam (*provocare*: chamar para fora), ao mesmo tempo que nos propõem sentidos que os transcendem e que nos transcendem, sob o signo do poder subversivo da linguagem. É esse poder que José Saramago invoca, quando um minúsculo e redondo vocábulo – um simples não – suscita a reconstrução histórica de um universo afinal fragilizado por esse poder subversivo; e é ainda em clave de subversão que o romancista enuncia a alegoria da fratura e da deriva, engenhosa indagação ficcional do destino ibérico; ou a metáfora do regresso e do reencontro com a pátria, sentidos camonianos mas também, à sua maneira, pessoanos; ou a imagem do coletivo e do seu poder redentor, no termo de um processo histórico que conduz à libertação dos levantados do chão; ou a imagem da construção e a sugestão ascensional que a confirma, quando se ergue o convento que a vontade real idealizara, ao mesmo tempo que a passarola voa; ou a representação da cegueira coletiva em que se surpreende uma condição humana degradada na repulsiva violência do seu egoísmo. Isso tudo e também o árduo trajeto da existência humana, a dissolução da identidade, a contestação da ortodoxia religiosa, a celebração da rebeldia, a revisão da palavra bíblica, a questionação da culpa ou a denúncia da arbitrariedade divina.

Também por isso, na vida literária como na vida pública em que ela se inscreveu, José Saramago jamais deixou de interrogar os outros e de interpelar verdades estabelecidas e instituições dominantes. O que levou a que um grande escritor sempre tivesse recusado a acomodação no conforto da fama e nos enleios da celebridade? Resposta clara: uma constante e militante vocação para desassossegar imagens feitas, representações cristalizadas e mitos aparentemente inatacáveis. Assim foi ao longo de décadas, sempre que para Saramago estiveram em causa figuras históricas, poderes públicos, religiões e suas contradições, derivas políticas ou episódios do nosso destino coletivo. É isso que é próprio dos grandes escritores e também neste plano ele soube sê-lo, consciente

como sempre esteve de que a literatura existe para afirmar, de forma variavelmente expressiva, o princípio da subversão da norma, da doxa e da verdade em que se crê cegamente. A ordem que a rege é, por paradoxal que pareça, o constante movimento que aponta para a sua derrogação. E isto sabendo-se bem que da heterodoxia à heresia vai um passo curto que os escritores e os artistas não raro foram acusados de dar, muitas vezes pagando por isso um preço alto. Quando emerge uma tal acusação, entramos irremediavelmente no terreno da moral. Fora dele está a literatura – e, de forma às vezes provocatória, a grande literatura. Foi esse lugar heterodoxo o espaço que José Saramago habitou.

deste grande romancista que hoje nos despedimos. Romancista e também poeta, dramaturgo, ensaísta, diarista, contador de viagens e o mais que nele iremos descobrindo e redescobrimos, sempre que os seus textos confirmarem, no mágico e íntimo momento de cada leitura, a sua presença viva entre nós: pelas figuras a que deu vida, pelas imagens que traçou, pelas histórias de amor que nos confiou, pelas conquistas de que fez crónica ficcionada, pelos mundos que nos seus romances construiu, pelos mitos que questionou. Por isso mesmo, é esta uma despedida sem adeus. De José Saramago fica connosco uma literatura que é fermento de eternidade, essa mesma eternidade que só a arte garante, acima e para além de todas as fragilidades da vida. Por isso podemos hoje afirmar acerca de José Saramago o que no seu tempo Eça de Queirós disse da grande arte, da grande literatura e dos seus intérpretes: «A arte é tudo – tudo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo.» E bem sabendo que «tudo é efêmero e oco nas sociedades – sobretudo o que nelas mais nos deslumbra», Eça acrescentou a propósito de Shakespeare o que agora digo de José Saramago: «Está vivo de uma vida melhor, porque o seu espírito fulge com um sereno e contínuo esplendor, sem que o perturbem mais as humilhantes misérias da carne!»

CHORANDO
SARAMAGO,
SEM CHORAR

FER
NANDO
BERLÍN

«Não chorem. Que chorem os que nunca o leram», pediu Pilar del Río há cinco anos. Quanta profundidade nos oferecia com aquelas palavras.

De acordo. Mas quantas saudades sentimos. Quantos acontecimentos vivemos neste últimos cinco anos em que estivemos tão necessitados da sua lucidez. Tanto se sentiu a ausência de José Saramago neste tempo de mudança, convulso e desassossegador.

Como a tantos outros, ao leitor que sou, custou-me compreender o que queria dizer José Saramago quando afirmou que escrevia para desassossegar. Entendi-o quando chegou a crise e a desesperança. Do desassossego nascem as perguntas e das perguntas nasce a ação.

Por isso nos é tão fácil recordá-lo. Cada livro, cada linha de José está presente na atualidade. Esteve, sem o estar, quando as praças espanholas foram ocupadas pelo 15-M. Recordámo-lo quando os cidadãos converteram a Puerta del Sol de Madrid numa imensa ágora de debate político, público, aberto, desestruturado. Também o vimos maré após maré: por trás das professoras, as expatriadas, as bombeiras, as presidentas de câmara, as vereadoras. Por trás de todas nós, as cidadãs.

Os seus leitores, em todo o caso, não o podemos esquecer. Não enquanto continuem a existir os seus livros. Não enquanto o trabalho da Fundação José Saramago continue fazendo tão visível a sua forma de entender o mundo. Não enquanto continuem abertas as portas da sua casa em Tías, Lanzarote. Um espaço hoje convertido em casa-museu, onde se respira a atmosfera do cidadão Saramago e onde se tocam os livros que escreveu e os que o inspiraram.





impossível esquecer quem reconhecemos em cada sucesso deste tempo vertiginoso que a sociedade vive.

Há cinco anos, aquelas pessoas a quem Saramago havia unido, as que viajámos a Lisboa para o adeus ao escritor, concluimos que, tal como em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, seriam nove os meses de despedida, de acordo com a sugestão de María del Río, irmã de Pilar. E assim, durante nove meses, desde aquele junho, a cada dia 18, comprometemo-nos a conversar sobre ele, recordando-o, lendo-o. Nessa data, qualquer refeição com familiares, reuniões de amigos ou íntimas celebrações deveriam servir de homenagem ao escritor, partilhada através de uma fotografia, um desenho ou algumas linhas.

Eu fi-lo, com um bom número de amigos e conhecidos, cada dia 18, muitos meses depois daquele mês de junho em que se esgotaram as flores de Lanzarote. E continuo a fazê-lo. Porque não choramos Saramago, talvez. Mas recordamo-lo, cinco anos depois, a cada dia.

ENSAIO SOBRE
A LUCIDEZ
AS NOTAS DO
AUTOR

JOSÉ
SARA
MAGO

José Saramago acompanhava a escrita de um romance de um conjunto de notas. Como se pode perceber em *Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas* – livro publicado postumamente e que chega acompanhado, para além do texto do autor, das suas notas preparatórias –, o escritor relatava nesses escritos as dúvidas que tinha, as decisões que ia tomando e as dificuldades que enfrentava durante a construção de uma história. Transpondo-as para um filme, elas, as notas, poderiam ser o *making of*. É um privilégio para o leitor entrar nessa intimidade da construção de um livro, como quem entra numa cozinha e assiste à preparação daquele prato tão saboroso que não se cansa de comer.

Até agora, estas notas de *O Ensaio sobre a Lucidez* permaneciam inéditas. A *Blimunda* de Junho, especial dedicada aos 5 anos da morte de José Saramago, oferece aos seus leitores estas anotações deixadas pelo escritor. Uma maneira de o sentir mais próximo. De o recordar com ainda mais intensidade.

(Começo do livro: 23 de Junho de 2003)

4 de Fevereiro de 2003 – Na noite de 30 para 31 de Janeiro acordei às 3 horas com o pensamento súbito de que o assunto para um novo romance, de que mais ou menos conscientemente andava à procura, afinal já o tinha. Era aquela «revolução branca» de que falei em Madrid e Barcelona na apresentação do *Homem Duplicado*, o voto em branco como única forma eficaz de protesto contra o abençoado sistema «democrático» que nos governa. Como se isto não fosse já suficiente, tive também a repentina, a instantânea certeza de que tal livro, no caso de vir a existir, teria de levar o título de *Ensaio sobre a Lucidez*, como se o facto de votar em branco na actual situação do mundo fosse um acto exactamente ao contrário daqueles ou da maioria daqueles que no *Ensaio sobre a Cegueira* se cometeram. Durante estes dias, a convicção de haver acertado em cheio foi-se tornando mais forte. Isto é, supondo que um vento de suprema loucura ou de suprema lucidez levasse um número significativo de pessoas a introduzir nas urnas nada mais que votos em branco (que, precisamente por *nada* dizerem, estariam dizendo *tudo*), esse acto, repetido por todas as partes, poderia acabar por resultar numa revolução, talvez na mais efectiva de todas que até hoje se fizeram.

13 de Fevereiro de 2003 – A ideia de que o «acontecimento» se manifestaria ao mesmo tempo em todo um país esbarra com uma dificuldade séria: como definir e manejar a quantidade e a diversidade das personagens que inevitavelmente se manifestariam. A dimensão coral de uma história assim e a decorrente dispersão dos acontecimentos impediriam uma acção dramática de suficiente coerência. Parece-me portanto preferível colocar a história numa cidade de tamanho médio, mais para o pequeno que para o médio, aí com uns 100 mil habitantes. O arranque do livro seria o que se segue. Devido ao mau tempo teme-se que a afluência às urnas seja reduzida, que venha a verificar-se uma percentagem de abstenção muito alta. Os partidos que disputam o poder no país são três (eleições municipais, não legislativas ou gerais): o partido da direita,

o partido do meio e o partido da esquerda, tudo em minúsculas, como em minúsculas seriam as respectivas siglas: pd, pm e pe. Apesar de se terem multiplicado os apelos ao voto nos dias imediatamente anteriores ao das eleições, as previsões de abstenção confirmam-se. Até às 4 horas da tarde apenas haviam votado 20% dos eleitores e a chuva e o vento não param. Ora, precisamente a essa hora, às 4 da tarde, como se obedecessem a um sinal combinado, as pessoas que até aí se tinham mantido em suas casas começam a sair para votar. Informadas do mais estranho «fenómeno», as rádios e as televisões começam a entoar louvores ao espírito cívico dos habitantes da cidade, louvando o seu espírito cívico e apresentando-os como exemplo a seguir pelo resto do país. Abertas as urnas e realizado o escrutínio, verificou-se que os válidos não atingiram 25% dos eleitores inscritos e que todos os restantes boletins aparecem em branco. O pm obteve 13%, o pd 9% e o pe 2,5%. Os votos nulos foram insignificantes, abstenções não houve. (Em tempo: o governo da cidade está nas mãos do pd.) O assombroso caso põe em movimento os meios de comunicação social (imprensa, rádio, televisão), interessados em conhecer os motivos por que, subitamente, as pessoas só resolveram ir votar, como votaram maioritariamente em branco. A imprensa, a televisão e a rádio locais são as primeiras a assediar os eleitores, mas a cidade não tarda a ser invadida pelos meios de comunicação nacionais que chegam em automóveis e helicópteros. (Noutras cidades, pessoas que ouvem as notícias dizem umas às outras: «Talvez devêssemos ter feito o mesmo.»)

Nos dias seguintes discutir-se-á se a eleição foi válida. O pd, que governa o município, diz que não e que portanto o *statu quo* deverá manter-se até nova eleição. O pm, que teve mais votos, diz que é válida e que portanto o poder deve passar às suas mãos. A lei eleitoral é omissa (consultar a lei eleitoral portuguesa). O pe, timidamente, diz que os boletins brancos representam expressões de protesto e que, ainda que teoricamente, coincidem com as suas próprias posições políticas e ideológicas. Ninguém o ouve. O governo do país lança a suspeita de que o insólito resultado teria sido a primeira manifestação de uma conspiração contra a democracia com origem no estrangeiro e promete uma investigação até às últimas consequên-

cias. Polícia, interrogatórios, tentativas de suborno. Ninguém fala, pela simples razão de que ninguém tem nada para dizer. Se saíram às 4 horas, foi por casualidade ou porque o temporal tinha amainado um pouco. E o voto branco? O voto branco não é contrário à lei...

Por decisão do tribunal competente a eleição será anulada e repetida duas semanas depois. Resultado: o pe não terá quaisquer votos, o pd e o pm terão, cada um, 9%, os votos brancos subiram a 82%. A partir daqui a situação complica-se. Verei como.

17 de Março de 2003 – Tomei uma decisão que espero poder manter: desistir por agora do *Mistério do Dente Perdido* e lançar-me ao *Ensaio sobre a Lucidez*. Será um choque para a Companhia das Letras, mas eu não posso ficar à espera não sei quantos meses para me ver livre dessa obrigação mais do que aborrecida.

Cheguei à conclusão de que o título do romance determina que as personagens sejam as que habitaram as páginas do outro *Ensaio*, o da cegueira. Provavelmente não todas. Pensei que a mulher do primeiro cego se teria divorciado do marido e que a mãe do rapazinho estrábico apareceu e tomou conta do filho. Os outros – mulher do médico e marido, rapariga dos óculos escuros e velho da venda preta, mantêm-se. E também o cão das lágrimas, que fechará o livro, com a mulher do médico morta ao seu lado, assassinada por aqueles que decidiram que tudo deveria voltar ao bom tempo antigo... (Cuidado com o óbvio. Cuidado com os sentimentalismos cansados. O cão das lágrimas talvez apareça, mas não para copiar a irrepetível cena do *Ensaio sobre a Cegueira*.)

Uma questão a resolver: as personagens terão nome? Seria cómodo, mas a história perderia algo da estranheza que assinalou o *Ensaio sobre a Cegueira* e que gostaria de manter neste romance. Talvez opte pelo anonimato: seria ridículo que a mulher do médico se chamasse, afinal, Manuela. A dificuldade estará em proceder da mesma maneira com as novas personagens que entrarão na história. Uma ideia interessante (parece-me) seria recuperar a personagem do escritor.



29 de Março de 2003 – O primeiro capítulo começará pela descrição (sumária, claro está) da tempestade de chuva e vento que se abate sobre o país. A televisão e a rádio apelam à consciência cívica dos eleitores para que, apesar do mau tempo, não se deixem ficar em casa. Usar o palavreado balofo próprio das ocasiões patrióticas. Entrar em casa das personagens principais: a mulher do médico e o marido (também o cão, que vive com eles), a mulher divorciada do primeiro ladrão, a rapariga dos óculos escuros e o velho da venda preta, mais o rapazinho estrábico (a mãe nunca apareceu, ou sim?), o escritor e a família (toda? Recordo que era casado e creio que tinha filhas). Às quatro horas da tarde todos saem para ir votar (sairão igualmente os habitantes que ainda não haviam votado). Descrição da caminhada sob a chuva. Bairros inundados, bombeiros, barcos). A rádio e a televisão apressam-se a transmitir a notícia do inopinado acontecimento: os eleitores da cidade X estão a dar um extraordinário exemplo de civismo, arrostando com a intempérie para irem cumprir o sagrado dever. Nas assembleias de voto, até aí quase desertas, o entusiasmo é grande. Os partidos fazem declarações congratulatórias. Regresso dos eleitores às suas casas. Quando se escrutinam os votos, a estupefacção varre o país. De um momento para o outro, a tão aplaudida cidade converte-se num fenómeno sem explicação. O capítulo termina com as personagens principais a telefonar umas às outras: como votaste? em branco.

19 de Abril de 2003 – Sobrevoando o Mediterrâneo

A ideia de que as personagens da *Cegueira* devam reaparecer em *Lucidez* parece-me cada vez melhor. Se o título do novo livro indicia já uma continuidade, a presença das personagens confirma-o definitivamente. No espírito das autoridades perplexas nascerá a suspeita de que a mulher que não perdeu a visão na *Cegueira* poderá ter algo que ver com o novo «fenómeno». Passar dela para aqueles a quem ela havia guiado é uma consequência lógica. Se o romance anterior tinha obedecido escrupulosamente a uma certa lógica, este não poderá ficar atrás. Do grupo da *Cegueira*, a mulher do médico

será a primeira pessoa a ser interrogada. Todo o desenvolvimento inicial, desde a primeira votação parcial em branco até à totalidade (?) dos votos na «revolução branca», será tratada como se as personagens mencionadas não existissem. O aparecimento delas deverá surpreender o leitor. As personagens são (serão?):

- a mulher do médico
- o médico
- a rapariga dos óculos escuros
- o velho da venda preta
- o primeiro cego (agora divorciado)
- a mulher do primeiro cego
- o rapazinho estrábico (ainda não tem idade para votar)
- a mãe do rapazinho estrábico (encontrou o filho)
- o escritor (e a família?)
- o cão das lágrimas

22 de Maio de 2003

As eleições não serão municipais, mas legislativas, e a cidade é a capital do país, precisamente onde se concentraram os acontecimentos da *Cegueira*. Desta maneira o caso ganha importância nacional. Em todo o resto do país, o mau tempo teve como resultado uma abstenção elevadíssima, em alguns lugares mais de 50%. A exceção é a capital.

31 de Maio de 2003 – Entre Badajoz e Madrid, de automóvel, regressando da reunião dos júris do Prémio Estremadura –

As personagens são só as do grupo de cegos e da sua guia, portanto o escritor fica de fora. O que tinha que fazer e dizer já o fez no *Ensaio*.

Já tenho o final. Os «serviços secretos», incapazes de descobrir as razões por que as pessoas passaram a votar em branco (ser um direito não lhes parece suficiente), decidem-se por um exemplo: matar a cabecilha, isto é, a mulher do médico. Um atirador especial instala-se numa casa fronteira às traseiras da casa. A mulher do médico será morta com um tiro quando sai à varanda onde as três mulheres do *Ensaio sobre a Cegueira* se lavaram. O cão vem ver o que se passou e começa a uivar. Noutra casa fronteira, mesmo em frente, os cegos perguntam-se: Por que uivará aquele cão, Às vezes uivam à lua, Estamos em lua nova, a lua nova não se vê, e o sol ainda agora acabou de pôr-se, Às vezes uivam à morte, Será isso.

3 de Junho de 2003, dia em que Sophia de Mello Breyner ganhou o Prémio Rainha Sofia de Poesia Iberoamericana

O final não será como foi descrito acima. A mulher do médico será assassinada, mas não na varanda das traseiras da casa. Será morta num jardim, aonde tinha levado o cão das lágrimas a passear. O cão começará a uivar e será igualmente morto. Os cegos perguntar-se-ão: Ouviste alguma coisa, Dois tiros, Mas havia também um cão aos uivos, Já se calou, deve ter sido o segundo tiro, Ainda bem, o uivar dos cães faz-me mal aos nervos.

20 de Junho de 2003

Roma. Durante um jantar ocorreu-me a ideia de que o título do livro poderia ser *O Regresso dos Cegos*.

22 de Junho de 2003

Casa. Pilar defende o primeiro título.

22 de Junho de 2003, casa. – Pilar defende o primeiro título.

1 de Julho de 2003 – Terminei o primeiro capítulo, comecei o segundo e não estou satisfeito. O primeiro, ainda vá, pode-se-lhe dar um jeito, mas as duas páginas escritas do segundo não têm salvação, quando muito poderão aproveitar-se alguns pormenores mais adiante e com outro tratamento. Tal como as coisas se encontram neste momento, não tenho personagens, e sem personagens é impossível haver romance. A ideia de fazer entrar as personagens da *Cegueira* por alturas da página 60 ou 70 não tem pés nem cabeça. Como aguentar até lá o interesse do leitor (para já nem falar do meu próprio interesse...)? É preciso não esquecer que essas personagens só terão sentido nesta nova história se for possível estabelecer uma relação (que não teria por que ser objectiva) com o fenómeno da votação em branco. A única relação logicamente aceitável seria que os olhassem como suspeitos, simplesmente como suspeitos, tendo em conta o carácter excepcional da sua actividade na *Cegueira*. Quer dizer, se há uns quantos anos houve aqui um grupo chefiado por uma mulher que ganhou no meio do desastre colectivo um estatuto de excepcionalidade, por que não admitir a hipótese que tenham agora algo que ver com a crítica situação política e social criada pelo voto branco em massa? E como se chegaria a isso? Uma solução seria usar o primeiro cego como agente da suspeita, isto é, o primeiro cego (pessoa de carácter duvidoso [como já se havia observado na *Cegueira*] e actualmente divorciado) seria o elo (por iniciativa própria, ou não) que alimentaria a suspeita depois de a haver suscitado... Esta solução permitiria dar à história a densidade dramática cuja falta me está a travar o passo e, de alguma maneira, a bloquear-me. Outra personagem, primeiramente posta de lado nestas notas, poderia ser o escritor. É uma questão a pensar.

Se o que acabo de escrever tem sentido, então a «entrada em acção» terá de fazer-se logo depois da segunda votação, de modo a criar em pouco tempo a atmosfera de suspeita que tornará a vida dos «heróis» da *Cegueira* num inferno.

Vamos a ver se conseguirei tirar esta pedra do meio do caminho...

11 de Julho de 2003

Este livro está a dar-me água pela barba (supondo que não me afogarei nele...). Nunca um romance me assustou tanto. Uma coisa são as dúvidas, outra coisa é perceber a dificuldade de «encher» (que palavra...) uma história que poderia ser contada em vinte páginas, que são precisamente as que levo escritas até ao dia de hoje (creio que vai ser o romance mais curto de quantos escrevi). No que a personagens se refere, vejo claro: serão definitivamente as da *Cegueira*, incluindo, talvez, o escritor.

E como introduzi-las? Uma por uma? Sucessivamente? Elas vão ser alvo de uma suspeita, a de terem culpa do que se passa. Estão totalmente inocentes, se votaram em branco fizeram o mesmo que oitenta por cento dos habitantes da cidade. (Josef K. também estava inocente e todos sabemos o que lhe aconteceu. Acabei ontem de reler mais uma vez *O Processo*. Por alguma razão tive necessidade de voltar a ele...). À noite, na varanda, olhando a lua, que está em quarto crescente, tive uma ideia que pode ajudar-me muito: a mudança da capitalidade para outra cidade, ficando os «insurrectos» acantonados num gueto (foi decretado o estado de excepção, o qual, sendo obviamente para aplicar em todo o país, o será com muitíssimo mais rigor na capital). Creio que esta situação «enriquecerá» a história. As personagens serão finalmente as seguintes (eliminei o rapazinho estrábico porque encontrou a mãe e nunca mais se soube dele...):

O primeiro cego, que será o «delator» (divorciou-se da mulher)



CONTAR OS ANOS PELOS DEDOS E ENCONTRAR A MÃO CHEIA

A rapariga dos óculos escuros e o velho da venda preta

A mulher do primeiro cego

A mulher do médico e o marido

O escritor

O cão das lágrimas

ATENÇÃO: ESTES ACONTECIMENTOS DECORREM QUATRO ANOS DEPOIS DA «EPIDEMIA» DE CEGUEIRA. NÃO QUERO AS MINHAS PERSONAGENS MUITO MAIS VELHAS...

ATENÇÃO: APÓS A «CEGUEIRA» AS PERSONAGENS DECIDIRAM NÃO FALAR DO QUE LHES HAVIA SUCEDIDO, SOBRETUDO NUNCA FAZER QUALQUER REFERÊNCIA AO FACTO DE A MULHER DO MÉDICO NÃO TER PERDIDO A VISÃO.

14 de Julho de 2003

A palavra «branco» é excluída do vocabulário, é perigoso usá-la. Liga-se uma máquina aos suspeitos (do tipo detector de mentiras) e faz-se-lhes dizer a palavra «branco»...

15 de Julho de 2003

Imaginemos que a máquina seria ligada a um interrogador. Não reagiria ele de modo semelhante ao do interrogado?

16 de Julho de 2003

O primeiro cego é uma das quinhentas pessoas que estão a ser interrogadas. Como tinha previsto, será ele o motor do que se vai passar até ao assassinio da mulher do médico. O ministro do interior publicará um comunicado em que dirá que quinhentos cidadãos se dispuseram a colaborar com as autoridades democráticas na investigação dos factos relacionados com a votação. Não dirá, evidentemente, que se encontram detidos...

18 de Julho de 2003

Sequência dos acontecimentos:

1. O detector de mentiras. Resultados nulos. Beco sem saída. Um dos pacientes faz-se notar (como?): é o primeiro cego.
2. Declaração do estado de sítio. Mudança da capital para outra cidade.

3. Reunião do conselho de ministros com a presença do chefe do estado para debate da situação. Opiniões diversas. Uma frase casual do chefe do estado: «Andamos aqui às apalpadelas, às cegas.» Do fundo da mesa, o ministro da cultura: «Tal como há quatro anos.» Constrangimento geral. O ministro da defesa: «Havíamos decidido calar para sempre o que se passou.» O ministro do interior: «A praga que estamos sofrendo também é uma forma de cegueira.» O ministro da justiça: «Ou de lucidez.» Protestos, indignação. O ministro do interior: «Com um pouco mais pensaria que o caro colega votou em branco.» O ministro da justiça: «Acertaria se o pensasse.» Silêncio. O primeiro-ministro: «É consciente do que acaba de dizer?» O ministro da justiça: «Tão consciente que neste momento mesmo apresento a minha demissão.» Sai. O ministro da cultura: «Demito-me também.» Sai. O ministro do interior: «O meu faro não me engana, há tempos que andava desconfia-

do destes tipos.» O ministro da defesa: «O que acaba de acontecer mostra a que ponto chegou a gravidade da situação. É ridículo. Nós a queremos infiltrá-los a eles, e eles a infiltrarem-nos a nós. Espero que perante isto já não haja dúvidas sobre a necessidade do estado de sítio.» Concordância geral. O ministro do interior sugerirá aos meios de comunicação social que façam referência de maneira discreta, não demasiado explícita, ao paralelismo entre a cegueira colectiva de há quatro anos e esta nova maré de brancura. O ministério do interior fará chegar os jornais aos «pacientes». Fora, a revelação causa uma emoção enorme. Um título: «Estaremos outra vez cegos?» Aviões lançam sobre a cidade (não esquecer, em estado de sítio) prospectos com as mesmas palavras. Reacções da população.

4. O chefe do estado recebe uma carta. Um «paciente» diz ter importantes revelações a fazer relacionadas com o que se passou há quatro anos. A carta passa ao primeiro-ministro e depois ao ministro do interior. O primeiro cego relata o que se passou com o grupo dos sete. Não se esquece de dizer que a mulher do médico matou um homem...

5. Primeira entrevista com a mulher do médico. Por que é que não cegou? Como se explica que toda a gente tenha cegado, e ela não?

FESTIVAL LITERÁRIO DA GARDUNHA

IMAGINANDO

UMA SERRA

SARA FIGUEIREDO COSTA

E A GENTE QUE

A HABITA

Quem chega à Gardunha partindo de Lisboa, recorrendo a um dos comboios que sobrevivem nos caminhos para o interior, vai notando as mudanças de relevo e paisagem à medida que carris e quilómetros se somem no ritmo da carruagem. Viajar de comboio tem essa particularidade de evitar a mudança quase instantânea que os aviões asseguram, ou a passagem de um lugar a outro passando por lugar nenhum que as autoestradas proporcionam. Nos carris apertados pelo vagaroso comboio regional, o tempo e o espaço deslizam ao mesmo ritmo e o caminho para o Fundão e para a serra que o aconchega faz-se com uma aula de geografia a desfilar-nos perante os olhos.

Fotografias de CÉU GUARDA realizadas no âmbito de uma residência artística realizada no Fundão, durante a segunda edição do Festival Literário da Gardunha







Depois das Portas de Ródão, é já outra terra que se pisa. Os campos mais ou menos planos e as pequenas cidades onde o centro histórico se vê rodeado de prédios que podiam ter crescido em qualquer ponto do país desaparecem sem grande recordação quando as escarpas que mergulham no Tejo ocupam a janela do comboio. E durante alguns quilómetros, sem estradas nem povoações à vista, o caminho para a Gardunha parece convocar Thoreau e a sua vida nos bosques, quase a provocar aquela vontade tão citadina de largar tudo e escolher a floresta para moradia. A Vila Velha de Ródão segue-se Castelo Branco, já no coração da Beira, e logo depois o Fundão, com a estação deserta apesar da manhã já avançada. É aqui que nos apeamos.

O Festival Literário da Gardunha, cuja segunda edição decorreu entre os dias 18 e 24 de Maio, podia ter escolhido o Fundão como referência do título, circunscrevendo as atividades à cidade cuja Câmara Municipal assume o evento. Escolhendo a Gardunha, ampliou o território da sua intervenção e, mais do que fazer deslocar escritores e participantes entre a cidade e os caminhos da serra, alcançou essa espécie de utopia sempre tão apregoada em tempo de eleições, envolvendo as comunidades de uma mesma região num momento que se quer de partilha.

Chega-se, então, ao Fundão, cidade aninhada na Cova da Beira e marcada por um centro de ruas calmas desembocando numa avenida larga. Numa dessas ruas fica o *Jornal do Fundão*, referência essencial do jornalismo português e do combate pela liberdade de informação e opinião durante os anos negros da ditadura. O acaso ditou que pudéssemos visitar a sua gráfica, onde o jornal já não se imprime, mas onde ainda se guardam os tipos de chumbo, as gravuras e as máquinas tipográficas que deram tantas letras ao papel durante décadas. Cá fora, o sol primaveril vai sendo finto por um vento persistente que chega da serra. Avançando por ruas mais estreitas, encontra-se um alfarrabista e a deambulação pede uma pausa. O estabelecimento do senhor Virgílio, a meio da Rua João Franco, é uma espécie de gruta do tesouro, pouco recomendável para quem sofra de alergia ao pó, mas um paraíso para os amantes de livros. Conhecendo





os cantos da casa e reconhecendo cada exemplar no meio de pilhas infindáveis de páginas impressas, o senhor Virgílio vai mostrando os livros de bolso de coleções como a Bisonte, a Carabina de Ouro ou a Arizona, todas dedicadas aos *westerns* e muito procuradas pelos soldados no tempo da guerra colonial, como conta o livreiro. O formato permitia a arrumação dos livros no bolso da farda e as histórias tinham muitos seguidores entre essa juventude que deu consigo em África, de arma na mão, lutando sem saber por que motivo. «Também havia as versões femininas», explica o senhor Virgílio, «como estas da Coral, da Orquídea ou da Pimpinela, com histórias que as senhoras apreciavam.» Podia dizer-se que eram outros tempos, e certamente o eram, mas não é preciso ir muito longe para encontrar nos escaparates de hoje os tais livros que se apresentam como «literatura feminina»...



caminho da Praça do Município, e do Casino Fundanense que receberá a primeira sessão do festival, uma conversa com Inês Pedrosa a propósito do seu mais recente romance (*Desamparo*), a ligação da cidade à serra revela-se na paisagem. As montanhas da Gardunha são visão omnipresente na cidade, e nesta altura do ano essa visão ganha detalhe com as cerejas que chegam diariamente de Alcongosta, aldeia serrana de onde sai parte considerável da produção, mas também de outros lugares, entre pequenos pomares caseiros e explorações vocacionadas para a grande distribuição. Quando subirmos a serra pela primeira vez, essa presença dos pequenos frutos tornar-se-á detalhe maior, com o verde intenso a deixar-se marcar pelos milhares de pontos vermelhos, um festim de cores que será também festim de sabor quando provarmos as primeiras de muitas cerejas que hão de acompanhar este festival.

Na sessão de abertura, homenageia-se o fundador do *Jornal do Fundão*, António Paulouro, assinalando o centenário do seu nascimento. Logo depois, Nuno Júdice, Inês Pedrosa e Tatiana Salem Levy hão de trocar





ideias sobre viagens e literatura com um auditório bastante preenchido, sobretudo quando tudo isto acontece a um sábado de manhã. Na segunda mesa do dia, Pedro Eiras contará como chegou até aqui, orientado por um GPS avariado que, referindo, na sua voz mecânica, um lugar que não correspondia ao lugar onde o carro do autor realmente se encontrava, acabou por servir de exemplo para o modo como imaginamos lugares sem necessidade de os visitarmos.



escolha dos lugares imaginários como tema desta edição foi um mote certo para dar alguma lógica à heterogeneidade que desfilou pela Gardunha ao longo dos dias do festival. Entre as viagens pela Índia de Raquel Ochoa e a experiência de viver em diferentes lugares de Tânia Ganho, passando pelas cidades que Nuno Júdice conheceu pela literatura antes de as visitar, ou pelos mundos paralelos da internet, onde Ana Cássia Rebelo vai anotando os seus diários, os lugares imaginários não têm de ser inexistentes, nem partilhados, nem sequer impossíveis, e cada um deles parece ser matéria inesgotável para o trabalho de quem escreve. Pelo meio de tantos lugares que esperam por ser inventados ou reconhecidos, três autores estiveram em residência nos dias que antecederam o festival, criando nos espaços onde se recolheram os seus próprios lugares imaginários. Valério Romão, que passou alguns dias em Castelo Novo, aproveitou o sossego da Quinta do Ouriço para adiantar o seu próximo romance, que fechará a trilogia começada com *Autismo* e *O da Joana*. Tatiana Salem Levy esteve instalada em Donas e gabou a beleza do lugar, onde pode escrever sem hora marcada. E Céu Guarda, com o equipamento fotográfico sedado no Fundão, andou pela Gardunha recolhendo imagens que hão de juntar-se às que Pedro Loureiro já registou há um ano, num encontro que talvez se transforme em livro.







Subir ao alto da serra para um piquenique junto à Casa do Guarda e meia dúzia de intervenções dos autores que integram esta edição do Festival Literário da Gardunha é também um modo de trazer para este encontro o trabalho de Orlando Ribeiro. Quando se olha a Cova da Beira do cimo da serra, e se espalha o olhar pelos diferentes relevos, tentando reconhecer cidades e serras, percebe-se melhor a visão do geógrafo, mais dedicado a compreender o modo como relevos e pessoas se entendem do que em apenas mapear os acidentes de percurso. Daqui de cima percebe-se a ligação entre a Estrela e a Gardunha, mas percebe-se igualmente esse entendimento das gentes com a terra. Na subida pelas estradas íngremes

da serra, o motorista de uma das carrinhas explicava que o calor da Gardunha, no verão, é forte, mas mitigado pela sombra dos castanheiros; já o frio invernal é seco, tão seco que corta a pele e traz a lágrima aos olhos. Sombra e secura dão para perceber o ritmo dos trabalhos da terra, deixando adivinhar a agitação da apanha da cereja moderada pelo vento que a primavera não foi capaz de afastar e a rapidez investida no momento de separar a castanha do ouriço, porque com temperaturas tão baixas não há corpo que aguente parado. Coisas destas parecem detalhes sem interesse, mas quando se observa as aldeias serranas e o seu lugar entre os altos e baixos da Gardunha percebe-se que em cada lugar há uma parte de gestos, decisões e quotidianos que só esse lugar define tal e qual são, mesmo que de longe nada disso se vislumbre, parecendo, até, que não há outros lugares para além dos que todos os dias nos chegam pelos múltiplos ecrãs. De certo modo, é por aí que caminha a intervenção de Susana Moreira Marques quando afirma escrever «para os lugares deixarem de ser imaginários». Referindo-se ao livro *Agora e Na Hora da Nossa Morte*, escrito em Trás-os-Montes, entre gente que espera a morte e gente que ajuda a morrer (ao abrigo do projeto de cuidados paliativos domiciliários, iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian), a jornalista precisa que «aquelas pessoas e aquela realidade existem mesmo», ainda que, na altura em que começou a frequentar as aldeias transmontanas para escrever o livro, não imaginasse que poderia haver gente a viver em condições tão miseráveis no Portugal do presente. Mais adiante na tarde serrana, Manuel da Silva Ramos há de dizer que o Cu de Judas é o nosso lugar imaginário por excelência e não haverá quem consiga negá-lo.







o domingo de manhã, é na aldeia de Alpedrinha que o festival continua. Regressando aos caminhos da serra, agora por outra vertente das longas encostas, é difícil não regressar a Orlando Ribeiro. «Da Portela de Alpedrinha, no dorso da Gardunha, o contraste é impressionante entre as serranias que, pelo Norte, barram o horizonte próximo e o planalto a que se não vê o fim: sobre ele, as manchas de verdura vão-se tornando cada vez mais desbotadas, indecisas e distantes. Na verdade, é o Alentejo que começa», escreve o mestre geógrafo no seu *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, guia imprescindível para qualquer viagem por terras

portuguesas. Por aqui, o Alentejo parece longínquo e, entre pedras com séculos de vida em cima e gente com vontade de conhecer quem escreve sobre essas e outras pedras, as sessões de conversa continuam. No Teatro Clube de Alpedrinha contam-se algumas histórias da terra, da importância de uma tipografia de nome Curiosa ao velho teatro (aquele em que nos encontramos, agora renovado) onde José Pedro Castanheira brincava quando era miúdo, antes de imaginar que faria dos palcos e da cenografia a sua vida. Na mesma mesa, Andrea Zamorano explicará que, quando vivia no Brasil, Lisboa era o seu lugar imaginário por excelência, muito formatado pelas leituras de Eça de Queirós, e que agora, mais de duas décadas a viver em Lisboa, foi o Brasil que passou a lugar imaginário.

Entre os escritos de Orlando Ribeiro, as montanhas escarpadas da serra e as ruas do Fundão, a Gardunha juntou-se à longa lista de lugares que, existindo ou não, ganham em cada viajante o estatuto de imaginários. Não é que seja preciso inventá-los para que se materializem, mas há algo de impensável nisto de encher uma clareira da serra com gente que quer ouvir falar de livros sem deixar de querer saber das árvores e da terra que as sustenta. Se alguém imaginasse a Gardunha antes que montes e vales se erguessem do chão, não teria podido ir tão longe no modo de a tornar viva.

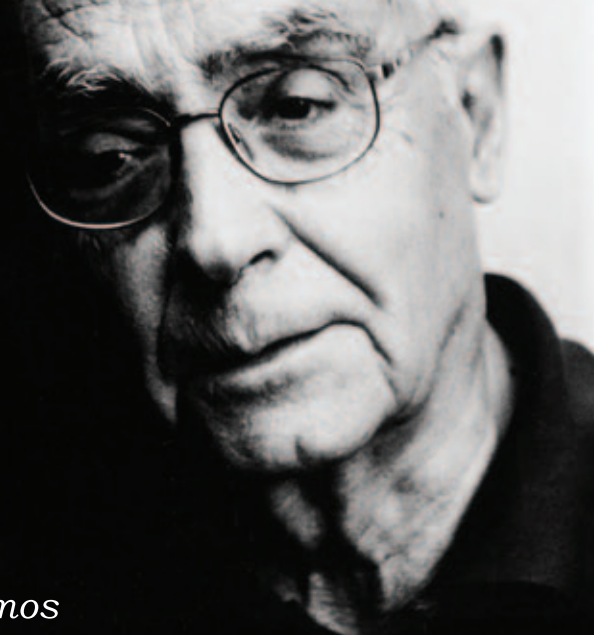
A Blimunda viajou a convite do Festival Literário da Gardunha



Prémio Nobel
de Literatura

JOSÉ SARAMAGO

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos



 Porto
Editora®



Fundação
José Saramago

gerador

A PICAR O CÉREBRO PARA SEMPRE

O Gerador é uma plataforma de acção e comunicação para a cultura portuguesa. Aquela que nos define como portugueses. Descobre-nos através da Revista Gerador, nas bancas de todo o país, ou em facebook.com/acgerador

Gerador.
É a cultura portuguesa.

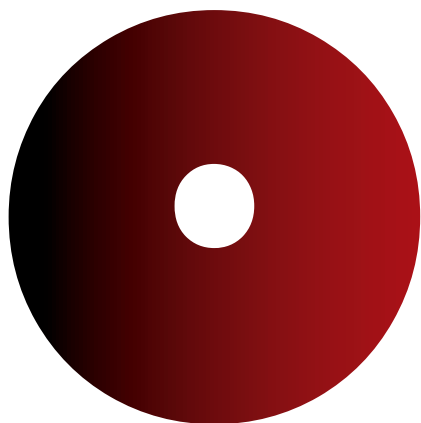


Fazer livros sérios a brincar

BRINCAR

ANDREIA BRITES

A SÉRIE



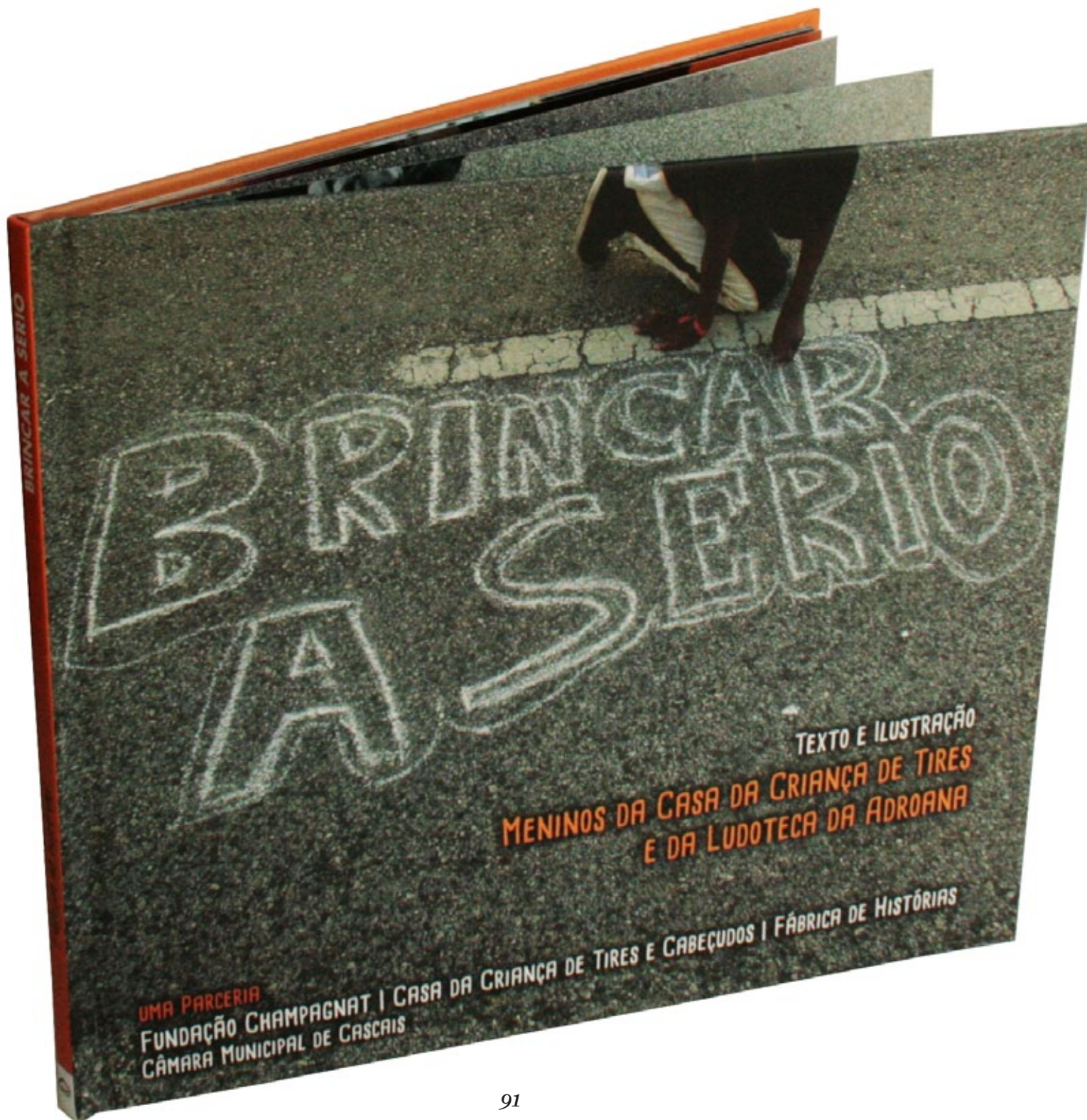
pretexto foi o livro *Brincar a Sério*, que a Cabeçudos lançou em finais de maio. Através dele, percorremos a linha de produção da Fábrica de Histórias, um projeto em que as crianças são autoras. O título surgiu da cabeça de Raquel Salgueiro quando o livro estava na fase de produção.

Brincar a Sério marcava uma posição sobre a ideia de brincar ao mesmo tempo que sintetizava o processo de trabalho que durante as férias da Páscoa tinha levado um grupo de crianças e adolescentes a criarem o livro. Ao contrário dos outros editados pela Cabeçudos, no âmbito do projeto Fábrica de Histórias, que normalmente se desenrola

em escolas, este nasceu de uma parceria com a Fundação Champagnant e a Câmara Municipal de Cascais, no sentido de apoiar a Casa da Criança de Tires. Por isso o grupo incluía meninos que vivem na Casa da Criança e outros que integram a comunidade que também frequenta a Ludoteca da Adroana, gerida pela mesma instituição. Ao todo, a criação do livro contou com a colaboração de 32 crianças, entre os 4 e os 13 anos, a maioria na produção de texto e ilustração, outros só numa das áreas criativas. O desafio que lhes foi proposto, numa oficina de escrita criativa e noutra de ilustração, foi o de explorarem o sentido e a prática da palavra e do direito de brincar.

«“Estamos a brincar ou estamos a falar a sério?”», é uma frase que se ouve muito. Então tentámos fazer a ligação com a ideia de que aquelas crianças que têm uma conjuntura familiar muito difícil também brincam, e brincam muito. É importante valorizar que brincar é uma coisa séria, e mostrar isso aos adultos», explicou à *Blimunda* Raquel Salgueiro.

Surgida logo no arranque da Cabeçudos, a Fábrica de Histórias começou a carburar há 3 anos e leva na bagagem 12 títulos (o último dos quais ainda no prelo). A ideia que subjaz ao projeto é a do trabalho colaborativo em torno do livro enquanto objeto, promovendo a escrita, a ilustração, a revisão e a própria divulgação. Aos seus criadores



BRINCAR É SERIO

BRINCAR É SERIO

TEXTO E ILUSTRAÇÃO

MENINOS DA CASA DA CRIANÇA DE TIRES
E DA LUDOTECA DA ADROANA

UMA PARCERIA

FUNDAÇÃO CHAMPAGNAT | CASA DA CRIANÇA DE TIRES E CABEÇUDOS | FÁBRICA DE HISTÓRIAS
CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

pareceu desde sempre que as escolas seriam um parceiro por excelência, já que ali existem recursos humanos e o tempo necessário para se dispendar com a realização do livro. Quando Rui Andrade e Raquel Salgueiro fundaram a livraria Cabeçudos tinham uma intenção maior do que apenas a da venda de livros infantis e juvenis. Nesse contexto a Fábrica de Histórias, que ganhou vida num papel de cenário preso na parede da sala onde iam registrando ideias, fazia todo o sentido. Se a Fábrica é um lugar de produção, o projeto oferece uma espécie de linha de montagem que cada instituição trabalha de forma única. Assim, o que se propõe aos alunos é que escrevam, ilustrem e revejam o texto que em seguida será paginado pela equipa da Fábrica de Histórias. Este é o plano mínimo. No entanto, Rui Andrade oferece mais possibilidades: um filme de animação, um audiolivro, um espetáculo de apresentação, uma exposição.

«É um projeto para um ano letivo, ou quase. Não quer dizer que seja o único a desenvolver pela escola ou pelo agrupamento, mas pode ser aquele que congrega todos os outros. Era assim que gostávamos que fosse.»

Para isso, a Fábrica de Histórias leva à escola várias oficinas que despoletam ideias e estratégias de criação. A equipa é praticamente a mesma de há três anos para cá: Leonor Tenreiro assegura a escrita criativa, Marina Palácio a ilustração, Inês Hugon a revisão, Duda a realização e Bruno Batista a narração. Mas, se o projeto abarcar outras áreas, também pode colaborar um músico ou um curador. As oficinas têm uma duração que oscila entre as 9 e as 12 horas e decorrem sempre no tempo curricular, podendo ser desenvolvidas no momento do português, educação visual, inglês, música, ou qualquer outro, de acordo com a organização estipulada pela escola. A partir daí os professores continuam o projeto com os alunos envolvidos.

Muitas vezes, quando há várias turmas a participar, cada uma recebe uma tarefa específica: inventar e registar a

história, ilustrar, promover uma exposição, traduzir a história para inglês, fazer o filme e criar a sua banda sonora...

A Fábrica de Histórias acompanha de perto mas sem interferir. Por isso, cada um dos livros espelha a identidade de quem os criou.



Assim tem acontecido, até *Brincar a Sério*. Há, aliás, neste livro um elemento que o distingue dos demais na estante da parede da Cabeçudos: a capa tem como base uma fotografia e não uma ilustração, como acontece com os restantes 10 volumes expostos. O título, desenhado a giz no alcatrão, e o menino que de cócoras na parte superior da imagem se dedica a acabá-lo afastam a primeira impressão de um produto *naïf*, de ilustrações formatadas. *Brincar a Sério* leva-nos para o mundo da arte urbana, do graffiti e dos subúrbios das grandes cidades.

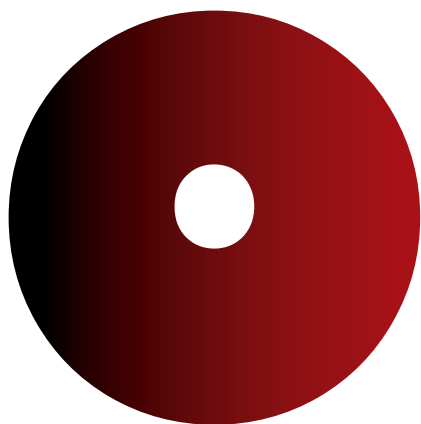
Quando o abrimos, não é bem assim. Mas também é.

Rui Andrade conta que, quando Leonor Tenreiro chegou à ludoteca para a primeira sessão de motivação para a escrita criativa, se deparou com alguns meninos difíceis, que resistiam à ideia de brincar com lápis, canetas e folhas. Escrever?! Afinal, logo ali ao lado estavam os tão apetecíveis computadores. Mas rapidamente se desbloqueou a situação e o resultado é um texto poético que leva o leitor diretamente para os valores, os temores e o quotidiano destes autores. «Eu brinco para estar com os outros/ para esquecer as coisas tristes/ para não lutar» é só um excerto.

O *corpus* final foi escolhido após as oficinas de escrita, que duraram cerca de 12 horas, ao longo de uma semana, aproximadamente. Depois de levar o grupo a refletir sobre o ato de brincar e a registar as suas ideias, Leonor Tenreiro reuniu-se com a equipa de produção, sem a presença das crianças. Ali nasceu então o poema coletivo, depois de compostas as frases que lhe conferem coerência, o limpam de repetições escusadas, e lhe acrescentam a urgência de uma verdade por dizer.

Então, já com o texto fixado, Marina Palácio conduziu as oficinas seguintes, dedicadas à ilustração.

Agora os mais pequenos, de 4 ou 5 anos, já podiam participar. Seguindo a sua metodologia sensorial, a mediadora e ilustradora propôs ao grupo brincar a partir da organicidade do que os rodeia: cascas de laranja, folhas, pedras, pequenos galhos. Não foi inédito. No Colégio Atlântico, tinha levado ao grupo que ilustrava *Uma Longa Viagem até ao Atlântico* açafraão, beterraba e outros produtos naturais que serviram não apenas para tocar e cheirar, mas igualmente para colorir os desenhos que ilustraram o texto. A grande diferença, porém, é que em todos os outros livros as oficinas serviram de motivação para o trabalho que foi depois desenvolvido pelas turmas ou grupos com os professores e aqui toda a produção do livro dependeu apenas das oficinas e do seu processo com os meninos na Ludoteca da Adroana.



que faz deste livro um objeto maior é que aqui, para além da poética do texto e da amplitude do conceito, o que se lê nestas páginas é igualmente o seu acontecer, o seu processo. Marina Palácio optou por fotografar as crianças enquanto experimentavam os desafios que lhes sugeria, e desenhavam caminhos em folhas A4 por onde os animais passavam, ou compunham rostos com pedras e folhas, ou ainda desenhavam a partir de pedaços de casca de laranja. As guardas revelam mais: da sombra maior que o nosso tamanho às aves pintadas nas mãos reunidas em círculo. Em nenhum outro livro se cumpre tão plenamente a premissa de Rui Andrade: o processo colaborativo.

Como reagiram as crianças ao livro é quase impossível dizer. «Gostaram. Acho que sim. Pegavam no livro, abriam-no, andavam com ele para trás e para a frente. Depois largavam-no.» O dia do lançamento, na Casa da Criança, foi tão acelerado que quase não dava para reparar nos meninos que ali estavam, na sua casa, a receber aquela festa. Bruno Batista, narrador, montou um espetáculo de narração para a ocasião e brincou, com o livro e a

partir dele. Rui recorda um episódio da véspera. Quando chegou com os livros à Casa da Criança foi para o escritório. Estavam várias pessoas naquele espaço, assoberbadas. A menina entrou, porque na Casa da Criança as 12 crianças que ali vivem têm acesso livre a todos os espaços, e pegou no livro. Folheou-o, sem que ninguém interviesse, sem interagir com ninguém. Depois largou-o e pegou numa Barbie. «Valorizou o que tinha de valorizar.»



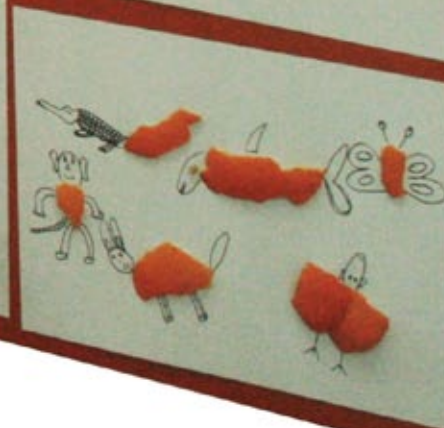
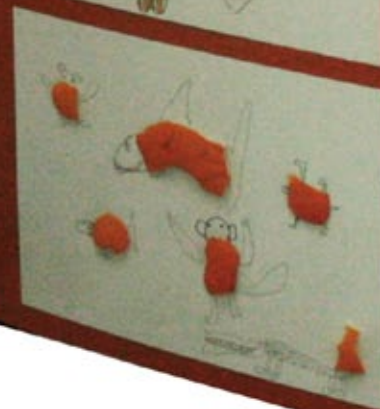
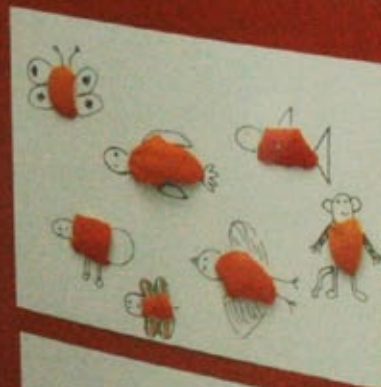
as nas escolas, na maioria privadas, onde a Cabeçudos tem conseguido implementar o projeto, nem sempre o entusiasmo é vibrante. Cada espaço tem as suas regras e os seus valores e por isso o ideal original nem sempre se cumpre. A história menos feliz é a do menino que chama a atenção da mãe para o livro onde participa: «Mas olha, mãe, está aqui o meu nome. Olha! Eu fiz isto, fizemos aquilo... Eu participei nisto.» Ao longe, o pai está a fazer sinal à mãe de que não se compra, e de que traga a criança embora. E a mãe obedece.

«O livro não tem valor. Para muitas pessoas não tem.» Para que o projeto seja viável financeiramente, é preciso que a escola venda um determinado número de exemplares. Mas não é líquido associar os colégios a vendas garantidas. «As pessoas não dão €15 pelo livro mas dão por um jantar de pizzas ou por uma ida ao jardim zoológico. Acho muito bem que vão, mas o que são €15? Para já não falar em carregar o telemóvel...», desabafa o livreiro que se assume como promotor. E acrescenta: «Para muitas pessoas a agenda vale mais do que este livro. As pessoas veem mais valor na agenda do que nisto. Depois não usam... Quem é que usa agendas de papel?» Uma das respostas mais frequentes que ouve, quando apresenta a Fábrica de Histórias, é que «por questões financeiras não vamos fazer». Também há quem acredite mais na marca autoral que a criança deixa no texto ou na ilustração do que no processo colaborativo em que se trocam ideias, partilham tentativas, se faz, desfaz,

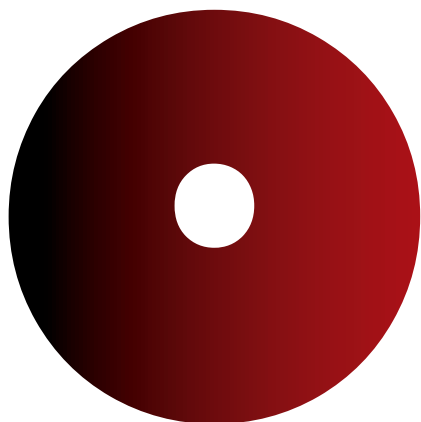
BRINCAR É UMA INSPIRAÇÃO



QUEM BRINCA SENTE-SE BEM



refaz. A apropriação, por parte de alguns pais e de algumas crianças, nem sempre é feita em nome do grupo e sim a título individual, o que contraria a intenção do projeto.



contrário também acontece. A Escola Secundária da Amora foi a única escola pública a participar no projeto. Correu muito bem. Os professores acreditaram e empenharam-se para que os seus alunos fizessem um livro infantil. Para cada fase da produção escolheu-se um grupo que foi à Cabeçudos realizar a oficina respetiva: escrita, ilustração, narração e ainda o filme que acompanha o livro. «Metiam-se no autocarro a expensas deles e fizeram aqui as oficinas. Uma turma para escrever, outra para ilustrar, uma daqueles cursos profissionais para lançar o livro. Era um livro para os mais pequenos e tinha de ser. Depois foram ter com as EB1 do Concelho. Primeiro fez-se o lançamento na

escola, que tinha sido intervencionada. O auditório de 200 lugares encheu. Depois, os alunos que tinham montado o espetáculo a partir do livro repetiram-no para os alunos do 1.º ciclo, no mesmo auditório.»

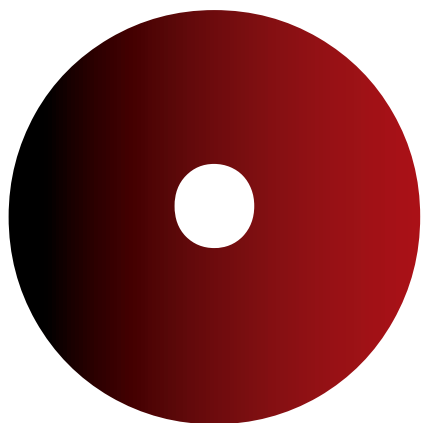
A venda, menor do que seria desejável, compensou-se pelo patrocínio de uma empresa que se interessou pelo projeto. Foi, até agora, a única escola pública que participou. Rui Andrade afirma que há risco, mas que é possível. É possível motivar os pais a comprar, é possível encontrar um apoio, um patrocínio. «Se quiserem, faz-se. É o que lhes digo. Venho para cá e ajudo a viabilizar.»

O Colégio Pedro Arrupe é o grande reincidente. Conta já com três livros produzidos. A estrutura do colégio aposta na Fábrica de Histórias para oferecer um projeto ao segundo ciclo. De título para título, nota-se evolução: juntou-se a música e agora a intenção é a de se fazer uma edição bilingue (português/ inglês) e usar as novas tecnologias para produzir um jogo ou um audiolivro. Tudo depende do empenho da organização e do trabalho dos professores.

Ao invés, no Colégio Valsassina, embora a narrativa e a ilustração de *Dois Reis e Uma Coroa* tenham sido concebidas por alunos mais novos, a responsabilidade do filme de animação cabia ao 12.º ano. Os alunos decidiram que não queriam reproduzir a história, que lhes parecia naturalmente muito infantil. Mudaram a estética: fotografaram-se a si próprios e animaram as fotografias. Neste caso, envolveram-se cerca de 500 alunos, do 2.º ciclo ao secundário, sendo que neste processo se reflete a idade de cada grupo sem que o livro e o filme percam com isso. Neste último título, que ainda não foi lançado, colaboraram todos os alunos da instituição, duzentos, do berçário ao 4.º ano. Os bebés pintaram o fundo das ilustrações.

Todas as combinações são válidas: trabalhar com um único nível, um ciclo, ou interseccionar idades. Para a equipa da Fábrica de Histórias o importante é lançar as sementes. Cada escola tem vindo a apropriar-se deste esqueleto à sua maneira, dando-lhe configurações únicas. Esse aspeto é especialmente visível no que concerne à ilustração. Marina Palácio utiliza sempre técnicas semelhantes, muito sensoriais, trabalhando ao nível do chão com materiais naturais. No entanto, cada livro apresenta uma estética própria. *Histórias de Abril*, do Colégio Campo das Flores, é desenhado a caneta de feltro, mas sem castanho, porque a ilustradora não usa canetas com essa cor. E as ilustrações de *Tempo para Pensar* foram pintadas em acetato. Em *Uma Longa Viagem até ao Atlântico*, os alunos inspiraram-se em imagens projetadas e em seguida pintaram os seus desenhos recorrendo exclusivamente a materiais e pigmentos naturais. No final, a professora partilhou com a equipa da Fábrica de Histórias que algo se tinha alterado no comportamento de alguns alunos que já não manifestavam medo de desenhar. A experiência tinha modificado a sua conceção sobre o ato de ilustrar.





que mudou na perspectiva dos autores de *Brincar a Sério*, não se sabe. Sabe-se, todavia, que este é, de todos os que a Cabeçudos editou, e que a Fábrica de Histórias ajudou a produzir, o mais artístico. Afirmá-lo como literário talvez seja exagerado, mas há neste livro uma poesia que os demais não têm. Rui Andrade assume que gostaria de caminhar para aí: textos mais curtos, mais poéticos. Mas faz parte do adn das crianças contarem histórias. O tempo escasso e a heterogeneidade de idades potenciou claramente a estética do livro. Não se pode negar que a verdade da experiência ajuda a torná-lo mais facilmente universal. O que acontece aqui é que agentes do livro são igualmente as suas

personagens: é de si que falam quando enumeram definições de brincar, é das suas brincadeiras que as ilustrações dão conta. Quando se discute o valor do destinatário dos livros de receção infantil e juvenil, quando se reflete sobre essa diferença categórica entre os livros ditos para adultos que são escritos por adultos para adultos e os livros para crianças e jovens que são escritos por adultos, este título é uma experiência de fronteira. Não é única e não é certamente por ter crianças e jovens na sua criação que garante essa superior qualidade formal e temática. Mas sem ela, este livro não seria possível. A sua universalidade depende, obviamente, do rigor da equipa de produção, Raquel Salgueiro, Marina Palácio e Carlota Flieg, não apenas na paginação como na seleção e composição do texto e das fotografias: em suma, na edição. Sem elas o processo não se teria transformado em produto.

Para quem é este livro? Como os outros, para quem com ele se identifique, para os leitores que com ele estabeleçam uma relação de empatia, curiosidade, espanto, revelação, confirmação. Em potência, qualquer leitor, da criança ao adulto, porque todos sabem, ou intuem, algo sobre a magia de brincar. E todos descobrirão outras formas, algumas repetíveis, outras dissemináveis. Pode ser lido por pais, por educadores. Como qualquer bom livro, o seu potencial de leitura acontecerá. Chegar aqui é o desejo de qualquer projeto de promoção da leitura.

Raposa

Dissimulada e imprevisível na caça, a raposa sempre deu ares de inteligência e astúcia. Na literatura é já uma raposa velha e inspirou fábulas de autores como Esopo, La Fontaine e irmãos Grimm. Perseguida no Ocidente e divinizada no Oriente, a raposa gaba-se de numerosos atributos. Na maior parte das vezes, é traiçoeira, sedutora e esperta... como uma raposa. Mas nem sempre é matreira. A raposa mais famosa da literatura é aliás sincera e virtuosa. Sem artimanhas nem raposias, fala-nos do valor da amizade e pede ao Príncipezinho: *Cativa-me*.

Já se sabe que, tanto na literatura como no resto, *o essencial é invisível para os olhos*.

Ana Pessoa
Escritora



Rumpelstiltzkin

Rumpelstiltzkin exige que a heroína adivinhe como ele se chama pois só assim ela conseguirá a liberdade e a autonomia. Tal como ela, também os leitores ficam presos e enfeitiçados – agora – pela palavra. A protagonista liberta-se, os leitores, felizmente, não. O mistério que encerra a palavra Rumpelstiltzkin, a aparente ausência de sentido, as sonoridades vibrantes e sibilinas contribuem para um mergulho no mundo subterrâneo da linguagem que é, também, o da imaginação, da literatura e do maravilhoso. Rumpelstiltzkin encerra um sortilégio do tipo “abracadabra”. Também ele permite entrar e sair, mil vezes, desse outro espaço guardador dos tesouros da *humanitas* que é a literatura.

Leonor Riscado
Professora universitária,
investigadora de literatura
infantojuvenil

Flores Mágicas **Jon Arno Lawson,** **Sydney Smith** **Livros Horizonte**



O álbum dos canadianos Jon Arno Lawson e Sydney Smith que a Livros Horizonte lançou em Portugal no início da primavera arrebatou críticos a nível internacional. A delicadeza das ilustrações e a sensibilidade do tema implicam involuntariamente o leitor que se sente moralmente comprometido com algo. É um desafio relevante para o juízo crítico: não avaliar qualquer moral para lá das possibilidades que o livro oferece nas suas páginas, e só ali se reconhecem. Nesta narrativa sem texto acompanhamos o percurso de uma menina pela cidade até chegar a casa. A primeira ilustração enquadra-a com o pai, que a acompanha, numa rua que poderá ser no centro, com prédios de dois andares, janelas de guilhotina e lojas no rés do chão. Nas variações de cinzas que preenchem o traço negro dos elementos da página, tudo se descreve: as manchas no chão, os tijolos das paredes, as sombras. O vermelho do casaco com capuz da menina contrasta com esta monotonia cromática,



aparentemente cristalizada no tempo. A primeira associação possível é ao Capuchinho Vermelho. Mas não há Lobo Mau. Há, sim, um caminho que para o adulto representa indiferença e para a menina descoberta. Esta Capuchinho também colhe flores, mas não no campo. Não são as flores que se destacam, é a menina que as encontra. Sem mistério, a narrativa segue a criança, os movimentos do seu rosto quando se detém a olhar

para o céu, para as pessoas que circulam, para as que estão paradas, para o chão. Os planos alteram-se, ora seguindo o seu ângulo de visão, ora os seus gestos, ora o seu movimento no espaço. Assim se vai dando conta desse passeio. Logo depois da primeira página – a da esquerda – toda ela dedicada a uma única ilustração, na página da direita as nove vinhetas rompem com a estática do quadro inicial. De mão dada com o adulto que

transporta as compras e fala intermitentemente ao telefone, a menina observa. E repara, no final desta sequência, em duas flores que crescem livremente junto a um poste. São amarelas. Nunca mais, ao longo do álbum, teremos tal concentração de vinhetas. A partir daqui a sua dimensão acompanha os lugares: verticais, horizontais, de página inteira ou de dupla página, como a entrada do jardim ou a chegada ao quintal, nas traseiras de casa.

A cor vai povoando, aqui e ali, a indiferenciação do espaço e das pessoas: depois de colher as primeiras flores, amarelas, a menina para para as cheirar mesmo à frente de uma banca de fruta, também ela colorida. Os táxis que se enfileiram em duas faixas de rodagem são amarelos assim como a casa que se configura no final do longo e escuro viaduto que a menina atravessa com o pai, não sem antes colher o seu segundo ramo de flores, que se libertam do muro. Não há uma lógica antagônica na escolha dos elementos coloridos, como

se a mensagem se reduzisse ao paradigma natureza vs betão. O vestido de uma mulher que espera numa paragem tem flores coloridas, e o próprio autocarro, que vira a esquina ao longe enquanto a menina apanha mais flores no passeio, está pontilhado de vermelho. O pai, que parece ausente, continua a falar ao

telefone, mas pousou o saco das compras. Veem-se frascos azuis, laranja, rosa e amarelos numa montra, e eventualmente um bairro chinês, com balões de papel pendentes no passeio, os pés de uma escultura e um homem de feições asiáticas encostado a uma montra a fumar. A menina continua no seu périplo

de recolha. Agora corre para acompanhar o pai. Com a entrada no jardim dá-se uma mudança na diegese. A menina começa a dar as suas flores. Primeiro deposita umas quantas sobre um pássaro que jaz no chão, depois aos pés de um homem que dorme num banco. Agora, a perspectiva aérea do



final do jardim e da estrada já tem cor: a relva, as árvores, os carros, as pessoas, os toldos, as paredes dos prédios. O espaço público começa a ser mais familiar: enquanto o pai cumprimenta um conhecido, a menina aproveita para oferecer flores ao cão que lhe dá a pata. Cumprimentam-se vizinhos e agora é a protagonista quem assume a liderança, sendo a primeira a abraçar a mãe, que os espera ao cimo das escadas. Depois de oferecer flores à família, chega finalmente a sua vez.

A narrativa é singela mas Sydney Smith consegue captar os momentos essenciais de cada gesto, movimento e intenção, com a verosimilhança que efetivamente caracteriza o comportamento de muitas crianças. A opção não moralizante, que desvincula o leitor de maniqueísmos relativamente ao pai ou à própria cidade, é muito bem alimentada pelos pormenores de cada situação, quer ao nível da cor, quer da atitude do progenitor,



que ora manifesta pressa, ora desacelera, ora sorri e dá a mão à menina, ora fala ao telefone. Pressente-se, inevitavelmente, um cinzentismo no contexto dos adultos, na vida e nas rotinas, declarado pela escolha do preto e branco como ponto de partida simbólico. Há preocupações, mas também há tatuagens com

pássaros, meninos que espreitam à janela e músicos que sorriem. *Flores Mágicas* nasceu do quotidiano de Jon Arno Lawson e do seu regresso a casa com a filha mais velha, depois de umas compras. Cheio de pressa, o escritor estava preocupado com a mulher que esperava em casa com os outros dois filhos

do casal, um dos quais recém nascido. Como não conseguia apanhar nenhum transporte, fez o percurso de uma hora com a filha, que foi descobrindo flores para a seguir as distribuir. Foi a partir daqui que, em colaboração com a ilustradora, se teceram passo a passo os momentos desta narrativa que agora se lê como

Literacia Crianças inglesas leem mais

Pelo 5.º ano consecutivo, a organização não governamental britânica National Literacy Trust divulga os resultados do estudo sobre hábitos de leitura das crianças e jovens ingleses. Os números são animadores, já que demonstram um aumento significativo de leitores que admitem adorar ler e que alimentam esta prática diariamente. No entanto, o estudo revela ainda assimetrias a considerar: há mais raparigas leitoras do que rapazes, e as crianças que assumem não ter qualquer acompanhamento parental são aquelas que denotam mais dificuldades ao nível da literacia. O National Literacy Trust atua junto de diversas comunidades com projetos de longa duração. O estudo pode ser consultado na íntegra no site da instituição.



Setúbal Ilustrada «É preciso fazer um desenho?»

É o lema do 1.º Festival de Ilustração que a cidade de Setúbal acolhe durante todo o mês de junho. A abertura fez-se inusitadamente às zero horas do dia 1 de junho, seguindo-se a inauguração da retrospectiva da obra de André Carrilho, até agora nunca realizada. Há exposições um pouco por todo o lado, desde a baixa da cidade ao Politécnico de Setúbal, que acolhe trabalhos de alunos da área da ilustração de escolas superiores de todo o país. Maria Keil e Lima de Freitas são outros pesos pesados que merecem exposições individuais. A iniciativa, da responsabilidade da autarquia em parceria com o atelier DDLX, conta com a participação das cinco escolas secundárias do Concelho e uma feira do livro ilustrado organizada pela livraria Culsete com a Abysmo, de João Paulo Cotrim, curador do Festival.

Bibliotecas inovadoras Três portugueses no INELI

O Programa INELI (International Network of Emerging Library Innovators) foi criado pela Fundação Bill e Melinda Gates com o objetivo de dotar os bibliotecários, à esfera global, de ferramentas que lhes permitam inovar na oferta à comunidade. As novas tecnologias têm por isso um peso relevante na formação presencial e na troca de experiências entre os participantes. No que respeita aos países ibero americanos, é o CERLALC que assegura a seleção dos participantes, em parceria com a Fundação Germán Sánchez Ruipérez. Dos trinta bibliotecários escolhidos, três são portugueses. A primeira formação presencial teve lugar na Casa del Lector, em Madrid, e a segunda vai decorrer em Bogotá, na primavera de 2016.



Astrid Lindgren Diários da Segunda Guerra Mundial

Quando escreveu dezassete cadernos com relatos, observações e desabafos, a mais querida autora sueca não imaginava que um dia estes seriam publicados. Acaba de acontecer, no seu país natal. Astrid Lindgren escreve os diários (1939-1945) num tom deprimido, realista e coloquial, que deixa antever os assomos de humor que depois se lhe reconhecem na sua obra infantojuvenil. Nos volumes datados de 1944 há já referência a *Pipi das Meias Altas*, que a autora compunha na época. O seu valor testemunhal poderá fazer dela uma leitura natural para quem se interesse pela Segunda Guerra Mundial, e especialmente nutra pela autora o carinho de ter enriquecido a sua infância com a insubmissa Pipi, que vê a luz do dia precisamente no mesmo ano em que acaba o conflito bélico.





Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



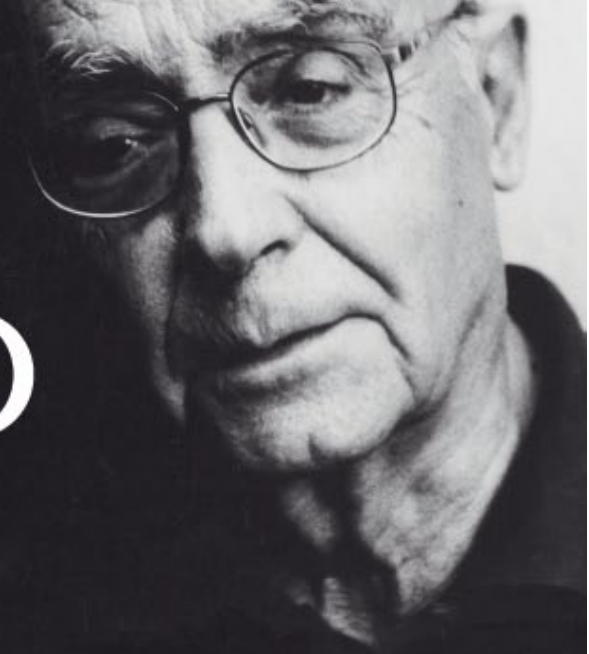
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



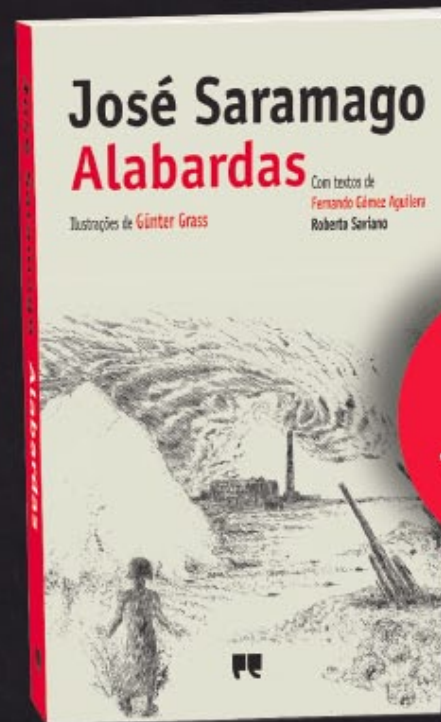
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



**Até
25 jun**

**Casa dos
Estudantes do
Império. Farol
de Liberdade**

Exposição documental sobre a associação, que assumiu um papel de destaque na oposição ao regime fascista de Salazar e que assinala este ano meio século sobre a data do seu encerramento forçado pela PIDE. Lisboa, Paços do Concelho.



**Até
28 jul**

Who Cares

Exposição de trabalhos de vários artistas de Macau, com o tema comum da arte como modo de intervenção social. Macau, Armazém do Boi.



**Até
30 jul**

**Funk Brasil - 40
anos de Baile**

Um musical assinado por João Bernardo Caldeira e Pedro Monteiro a partir do livro Batidão — Uma História do Funk, do jornalista Silvio Essinger, que acompanha a trajetória do funk no Brasil a partir da década de 70. Rio de Janeiro, Teatro Ipanema.



**Até
2 ago**

**El Mago
Desnudo**

Ensaando uma reflexão sobre o processo artístico, a brasileira Laura Lima expõe na Argentina um trabalho realizado a partir das doações de objetos feitas por cidadãos de Buenos Aires. Buenos Aires, Museo de Arte Moderna.



**Até
23 ago**

**Alvar Aalto
1898-1976.**

**Arquitetura
orgânica, arte
y diseño**

Exposição retrospectiva do arquiteto, mostrando os projetos que fizeram dele um nome maior da arquitetura e do design do século XX. Barcelona, CaixaForum.



**Até
14 set**

**10 Picassos del
Kunstmuseum
Basel**

Exposição de
dez quadros de
Pablo Picasso,
emprestados pelo
Kunstmuseum ao
Museu do Prado,
onde figuram
algumas das obras
mais emblemáticas
do pintor.
Madrid, Museu do
Prado.



**Até
20 set**

**Yto Barrada:
Salon
Marrocain**

Fotografia,
escultura, vídeo
e instalação do
artista parisiense
Yto Barrada, numa
exposição que
reflete sobre a
globalização e
o modo como
vivemos as cidades.
Porto, Museu de
Serralves.



**9 jul
a 11 set**

**Paisagem
Opaca**

Obras selecionadas
da coleção do MAM
cujo traço comum
é o trabalho sobre a
paisagem.
São Paulo, Museu
de Arte Moderna.



**14 a
18 jul**

Tom de Festa

O Festival de
Músicas do Mundo
organizado pela
Associação Cultural
e Recreativa de
Tondela assinala em
2015 os seus vinte
e cinco anos de
atividade . À data do
fecho desta edição
da *Blimunda* ainda
não se conhece o
programa, mas as
edições anteriores
garantem que valerá
a pena.
Tondela, Novo Ciclo
ACERT.



**17 a
25 jul**

**Festival de
Músicas do
Mundo**

As tradições
musicais e a
modernidade de
diversas latitudes
chegam novamente
a Sines. Este ano,
destaque para Salif
Keita, Toumani &
Sidiki Diabaté, Ana
Tijoux e Canzionere
Grecanico
Salentino.
Sines e Porto Covo,
vários locais.



Blimunda, Número especial

anual / 2014, em papel.

disponível nas livrarias

portuguesas.

Encomendas através do site

loja.josesaramago.org

